



Programa de Pós-Graduação em
Antropologia • UFPA

Cayo Cezar de Farias Cruz

Bares, ruas e cadeias: uma etnografia da violência em Caxias, Maranhão

Dissertação de Mestrado

Belém, Pará

2017



Cayo Cezar de Farias Cruz

Bares, ruas e cadeias: uma etnografia da violência em Caxias, Maranhão

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo.

Belém, Pará

2017

Cruz, Cayo Cezar de Farias

**BARES, RUAS E CADEIAS: UMA ETNOGRAFIA DA VIOLÊNCIA
EM CAXIAS, MARANHÃO.**82 f

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém, 2017.

Área de concentração: Antropologia social

Orientador: Fabiano de Sousa Gontijo.

1. Trabalho 2. Crime 3. Gênero 4. Cadeia



Cayo Cezar de Farias Cruz

Bares, ruas e cadeias: uma etnografia da violência em Caxias, Maranhão.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Laura Moutinho
Universidade de São Paulo – USP
Examinador Externo

Prof^a. Dr^a. Érica Quináglia Silva
Universidade Federal do Pará - UFPA
Examinador Interno

Prof^a. Dr^a. Cristina Donza Cancela
Universidade Federal do Pará- UFPA
Suplente

Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo
Universidade Federal do Pará – UFPA
Orientador

Belém, 28 de março

2017

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço aos meus pais (Maria José e Antônio Cruz) por toda força, carinho, paciência e dedicação ao longo de todos esses anos; à minha tão amada irmã Anna Morélia e meu primo Raimundo Oliveira. Minha querida família que tanto amo e adoro, muito obrigado! Agradeço também aos meus professores da alfabetização ao ensino médio, todos eles, mas deixo um abraço muito especial ao professor Falcão, por ter me apresentado de forma tão marcante às Ciências Humanas e pela fé que tão generosa durante todo processo de vestibular!

Agradeço a todos os amigos que fiz enquanto estudante de Ciências Sociais da UFPI: Kleb Leite, Amalle Katarine, Marília Gabriela e Luísa Sobral, Eduardo Rêgo, Teresa Jaynna, Jeová, Sônia, Jaqueline Sousa, Raul Bonfim, Amauri, Natasha Karenina, Monyk, entre outros que não estou citando aqui mas aqui estão representados e por todo apoio durante a graduação e a minha transição violenta e inesperada a Belém!

Agradeço à família Mangacrioula, em especial Wanderson Carlos, Childer Natanael, Telmo Belizário, Vinicius Vianna, Anna Raquel, Cleomar Santos, Heraldo Barbosa e o senhor Codó, por todas as noites de lua, fogueira e tambor que muito marcaram o desenvolvimento desse trabalho!

Agradeço aos meus amigos do PPGA-UFPA, principalmente ao vizinho Everaldo, aos solícitos Christiano e Lairisse e à sacerdotisa do jambu Ester, pelas inenarráveis aventuras antropológicas por esse Estado incrível que é o Pará. Ao meu estimado orientador Dr. Fabiano Gontijo e ao sempre gentil e disposto Antonio Carlos;

À Rachel Barbosa pelo olhar cuidadoso e cheio de carinho com o qual tratou essas páginas!

À toda família Rêgo (Lanna, Poliana e Dona Zélia) pelo açúcar e pelo afeto, muito obrigado!

À toda família do Centro de Folclore e Arte Popular de Caxias, por sempre não me permitir esquecer as coisas importantes da vida!

Aos amigos da vida inteira: Felipe, Bertholino, Max, Atila, Uareni, Cassio, Keketo, Thallisom, Wendell, Dudu, Giuliano, Antônio José, Geydefran.

Ao amor da vida inteira: Lara Coelho, muito obrigado!

E, por último, agradeço à todas as pessoas que dividiram suas vidas comigo e tornaram possível esse trabalho, muito obrigado pela confiança e pela oportunidade!

RESUMO

Esse trabalho trata-se de uma etnografia sobre práticas de violência, construído na cidade de Caxias, no estado do Maranhão. Divida em quatro partes, essa dissertação ocupa-se, primeiramente, em situar o leitor na metodologia construída durante essa pesquisa; a isso coube a parte da introdução, seguida de uma apresentação da cidade sobre a qual esse trabalho foi escrito, bem como seu bairro, Maioba, que ocupa uma posição privilegiada e imprescindível nas discussões e análises que permeiam todo o texto, entretanto, bares, jogos e conversas de esquina são constituídas como importantes campos de significados sobre o bairro, o estado, a violência e duas categorias amalgamadas e estruturantes de todo o esforço intelectual desse capítulo e frequentemente acionada nas formas nativas de se “viver a cidadania”: *trabalhador* e *vagabundo*. Na terceira parte, são apresentados os interlocutores dessa pesquisa, a cadeia e duas categorias estruturantes da vida carcerária e do capítulo em questão: *sujeito-homem* e *comédia*. A forma como o crime é considerado um importante atributo do gênero masculino, como o crime se relaciona com formas diferentes de se viver a vida carcerária, os limites e o risco de não ser considerado *sujeito-homem* pela *maioria*. Na quarta e última parte, são delineados os elementos principais para uma interação sem risco no convívio, a forma como o espaço das celas participa da interação como importante marcador de tempo e prestígio, além de serem discutidas as categorias nativas utilizadas para representar tais espaços, como o *boi*, o *café* e a *praia*. E por último, será analisada a forma como as conversas, as coisas e o olhar têm parte importante nas interações construídas na vida carcerária.

Palavras-chave: Trabalho; Crime; Gênero; Cadeia.

ABSTRACT

This work was constructed in the city of Caxias, in the state of Maranhão, an ethnography of violence practices. Divide in four parts, this dissertation is primarily concerned with situating the reader in the methodology built during this research, to that was the part of the introduction; Then a presentation of the city from which this work was written, the neighborhood (Maioba) that occupies a privileged and indispensable position in the discussions and analyzes that permeate the whole part of the text, meanwhile, bars, games and corner talks are constituted as Important fields of meanings about the neighborhood, state, violence and two amalgamated and structuring categories of all the intellectual effort of this chapter, and often triggered in the native forms of "living citizenship": *trabalhador* and *vagabundo*. In the third part, it is presented the interlocutors of this research, the chain and two structuring categories of prison life and the chapter in question: *sujeito-homem* and *comédia*. The way crime is considered to be an important attribute of the male gender, how crime relates to different ways of living prison life and the limits and risk of not being considered *sujeito-homem* by majority. In the fourth and last part, the main elements for a risk-free interaction in the living space, the way the cell space participate in the interaction as important time and prestige markers are presented, as well as the native categories used to represent such spaces, Like the *boi*, *café* and *praia*. And finally, we will analyze how conversations, things and the gaze play an important part in the interactions built up in prison life.

Keywords: Work; Crime; Gender; Prison.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Estado de espírito e estado de pesquisa	1
1.2 A negociação	3
1.3 Trabalhadores e vagabundos	6
1.3.1 A cidade	6
1.3.1.1 Entre a Capital, a Cidade Pequena e o Interior	8
2. EXPLORANDO O BAIRRO: ESQUINA, FOFOCA E HONRA.....	12
2.1 A Fofoca	12
2.2 A Honra: Breves Apontamentos sobre um Time de Futebol.....	16
2.3 O Bar do Sr. Tônico: a sinuca, o desafio e o humor	20
2.3.1 Trabalhadores e vagabundos: dando nome aos outros	26
3. SÓ LADRÃO	31
3.1 Encontrando os sujeitos.....	31
3.1.1 Zezim Tatto: o primeiro	35
3.1.2 Marco Play: o empolgado	37
3.1.3 Francisco: o assassino	37
3.1.4 Diogo: pelos erros da vida.....	38
3.1.5 Pedro: o homem do bem que nunca foi bandido.....	38
3.1.6 Pedrão.....	38
3.2 A cadeia.....	39
3.2.1 Sujeito-homem e comédia.....	49
3.2.2 Fazer o quê se cadeia é pra homem?.....	51
4. SOCIABILIDADES PERIGOSAS: O DIA A DIA NA CADEIA.....	53
4.1 A maioria	59
4.2 O início	61
4.3 Ser sujeito-homem: o jogo dos espaços, dos verbos e das coisas	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	72

1. INTRODUÇÃO

1.1 Estado de espírito e estado de pesquisa

Com o intuito de desenvolver uma pesquisa em antropologia acerca de como é o dia-a-dia entre homens em situação de privação de liberdade, dediquei-me, durante estes últimos cinco anos, desta pesquisa, que agora é compreendida enquanto dissertação de mestrado. Posso afirmar sem receio, que foram cinco grandes e memoráveis anos. Reler, lembrar, remoer, tudo o que fiz até agora, comparar os destinos que todas as vidas que se encontraram neste trabalho tomaram, deixam-me pasmo ao notar o quanto o “início” e o “fim” parecem tão irreconhecíveis um no outro, marcados pelo absurdo.

Para situar o leitor no que me propus metodologicamente enquanto desenvolvia essa pesquisa, sirvo-me aqui de duas categorias, tomadas emprestadas das religiões afro-brasileiras, que melhor descrevem emocionalmente a realização desse trabalho: *obsessão* e *desobsessão*. Na primeira, destaco o caráter monotemático que a minha vida possuiu durante os períodos iniciais de pesquisa, como a dor da *não-pessoa*, colocada por Roy Wagner (2010). Dor esta, composta por expectativas frustradas e noções ingênuas, que fazem o pesquisador (re)começar no mundo bobamente, assim como a angústia frente a ideias desencontradas, inverdades e as diversas possibilidades de não existência de um “campo”, e, por conseguinte, a “não-existência” do pesquisador. O que entendo por *obsessão* está relacionado ao que aprendi em religiões de matrizes africanas; nestas, compreende um estado físico e mental nocivo ao qual alguém está submetido, não podendo ser considerado como um estado inato, mas sim como algo efêmero, e esse estado geralmente é suspenso a partir, na maioria das vezes, da realização de um “trabalho de cura”. São três as origens principais desse mal estar: a primeira toca no que diz respeito a uma hereditariedade (praga de família, ou algum *egun* que acompanha uma determinada família, podendo ser inclusive algum antepassado da mesma etc.); a segunda origem aponta para atributos do indivíduo que facilitariam a ocorrência desse estado; e, por último, e o que será mais explorado nesse trabalho, a *obsessão* como proveniente de algum episódio acidental (mediante a exposição a um determinado território ou pessoa).

O estado de *obsessão* é consequência da proximidade de um obsessor, que pode ser algum desencarnado ou alguma energia negativa que exerça determinada influência. O obsessor, que causa os males da obsessão (moleza no corpo, falta de sorte, infortúnios) não necessariamente é fator inicial de todo o processo mas é a causa principal do mal estar físico.

Ele é concebido como uma existência dependente, que precisa do outro para existir, e muitas vezes não compreende que sua proximidade traz malefícios para a figura (humana) que ele tanto ama, ou odeia. O obsessor, além dos males físicos citados acima, também é responsável, por despertar na sua vítima, estados de obsessão, e entre esses estados, há alguns ligados ao vício, à inveja, à violência e à criminalidade.

Foi por me postar vulnerável às forças da *obsessão*, que pude me permitir alguma perda e diversos reencontros comigo e com muitas outras pessoas durante estes cinco anos, em um exercício imaginativo e emocional de consciência e rompimento de fronteiras. Em um momento de obsessão, os afetos, no sentido proposto por Jeanne Favret-Saada (1990), têm maior força, pois o corpo encontra-se “aberto”. E, para que este momento alcance êxito, ele pede que seja experimentado de forma não consciente, ou não conceitual. A figura de minha obsessão, ou a qual meu obsessor me remetia, demorou algum tempo até que tivesse um corpo. De início, dediquei-me sem critério algum a qualquer narrativa de “violência”. Nisto, acompanhei as formas como os crimes locais eram narrados e vividos, as brigas e confusões, os discursos que legitimavam a valentia e o poder de violência de alguém e outras narrativas e situações que ofereciam meios de pensar e viver a “violência”. Nessas circunstâncias, não precisei declarar-me pesquisador, enquanto não conheci pessoas, posso dizer que concentrei-me em “ouvir lugares”.

Foi nesse contexto em que consegui acesso a boa parte do que está escrito na segunda parte desta dissertação. Bares, esquinas, praças, e conversas informais travadas na rua e em casa, proporcionaram minha primeira experiência a respeito de realizar uma pesquisa em antropologia sobre violência. Creio que o termo possa estar apresentado de forma “dada” e rasa nesse primeiro momento, mas desenvolverei melhor suas propriedades nos capítulos seguintes. Outro fator importante neste momento de *obsessão* que vale ser destacado é a imanência de uma “banalização extraordinária”, no meu caso, da violência. Como me foi sugerido durante minhas orientações, a minha maior atenção ao tema afetou a noção de existência que eu tinha a seu respeito. Posso resumir que a violência transpassava tanto o mundo de casa quanto o da rua, da política, dos direitos, da sala de aula, da história, das práticas esportivas, dos churrascos...

O momento de *desobsessão* é praticamente determinado pela consciência da *obsessão*. Tem início quando começo a constituir os meus interlocutores e perdura até o momento em que escrevo. De acordo com o que aprendi, o obsessor tem um papel muito importante na vida de um médium, pois é partir dele também que a pessoa nasce para o santo, e toma uma certa

consciência de si enquanto corpo sensível. Esses momentos relacionados, propiciam quase uma ruptura no curso de uma vida e o surgimento de outra completamente diferente.

Esse momento é marcado por um maior controle sobre os recursos e maior cautela metodológica. É aqui que surge o trabalho dos capítulos três e quatro. Mas, antes de apresentar as partes seguintes resumidamente, outros apontamentos devem ser adiantados.

1.2 A negociação

Os seis interlocutores principais deste trabalho serão apresentados eventualmente no decorrer do texto. Acredito que este recurso seja necessário para pô-los em diálogo, o que eu também experimentei durante a pesquisa, devido a maioria deles serem amigos. O fato de alguns morarem próximos, levou-me a experimentar com muita facilidade a possibilidade de observá-los enquanto superavam as vicissitudes da vida, inclusive dialogando a respeito com eles. Nessas circunstâncias, a entrevista formal (com gravador), as conversas informais e as experiências compartilhadas foram os principais recursos aos quais nos submeti.

O meu maior problema enfrentado trata do que já foi colocado acerca da (des)personalização e da negociação entre pessoas como recurso epistemológico. A negociação em campo é mediada pelo reconhecimento entre pessoas (pesquisador e interlocutor). As reflexões de Wagner (2010) são marcadamente influenciadas por um tipo de sujeito antropológico malinowskiano, como sugerido por Pablo Wright (2005), ao discutir a relação centro-periferia e as relações de poder colonialistas pressupostas. Observando o intento de se tornar um *storimaster* (Wagner 2010), concordo com o autor quanto ao desenvolvimento de uma pesquisa ser acompanhado do desenvolvimento e construção de uma “pessoa”. E ressalto que a (des)personalização tão própria deste momento é algo experimentado emocionalmente, e embora possa ser doloroso, é algo indispensável enquanto recurso de pensamento. Contudo, em contextos urbanos, ou melhor, em situação de vizinhança, a epopeia dolorosa de construção de um pesquisador enfrenta outros tipos de força. E sobre isso, posso adiantar que não fui tratado pela maioria deles como “alguém com intenções realmente sérias”. No entanto, durante as entrevistas, com a presença do gravador, eu alcançava uma relação recíproca de seriedade, ao contrário do dia-a-dia, no qual eu enfrentava sérios problemas toda vez que fosse tratar da vida em privação de liberdade, devido ao incômodo que era demonstrado pelos interlocutores ao tratar do assunto. O que de fato demonstrava a forma como alguns destes homens silenciavam essa experiência, evitando até mencioná-las, ou mencionando-as de

forma “silenciosa”. Em algumas investidas eles respondiam-me em tom jocoso: “O que tu quer com cadeia, Cayo? (risos)”. Em outras, aconselhavam-me: “Rapaz Cayo, você é um cara bom, vai nesse negócio de cadeia não, deixa isso de mão, tu quer ser é bandido, é?”.

O meu período de trabalho de campo, e a passagem para o momento de *desobsessão* é marcado pela intenção dos meus interlocutores, em um primeiro momento, em colaborar, e um tempo depois, em pôr um fim nisto. O interlocutor que me aconselhava e ria, foi o mesmo que após sair pela primeira vez da “cadeia”, me abordou aos gritos do meio da rua: “*Cayo cara, e aí, agora tu já pode me entrevistar!*”. Houve um período de intensa colaboração e auxílio, e outro de distanciamento. Nesse segundo processo, o curso da vida também está envolvido; alguns mudaram de residência, outros arranjaram emprego, houve também aqueles que se “profissionalizaram no mundo do crime”, entre outros exemplos possíveis, que tornaram minha vontade e insistência em falar no assunto um pouco inoportunas.

Com a presença de um gravador, ou de um papel e uma caneta, consegui um maior êxito em ser tratado com um pouco mais de “seriedade”. Inclusive, as narrativas eram transformadas, como ocorreu com o meu primeiro interlocutor. Na nossa entrevista, ele inicialmente colocava-se em uma posição de “vítima”, na qual ele era aquele que cometia crimes por sofrer das faltas de oportunidade, ou preso a um “espírito”, como principal razão das suas escolhas, pois o mesmo já havia tentado até ir pra igreja, sem alcançar sucesso. No final da entrevista, quando já estávamos mais à vontade, ele afirmou que o “*crime em Caxias é fraco, se eu encontrasse uns parceiro cabuloso aqui tu ia ver o terror que eu botava*”.

A sua relação com o crime, transformou-se, de algo que estava além da sua volição, para algo ligado à sua vontade. No primeiro caso, tal intencionalidade é ordenada por fatores externos (como o espírito e condições econômicas), no segundo quadro, configura-se impedida por fatores externos (a não existência de “parceiros”). Em suma, a vulnerabilidade, aliada à intencionalidade e à consciência da existência de relação não suscetíveis aos seus projetos individuais, marcam essa entrevista. O poder de agência dele é notoriamente narrativo, e revela a sua capacidade de agir sem agência, como no primeiro caso. “Brincar” com as representações acerca de crime e desigualdade é bastante comum em narrativas sobre “práticas criminosas”. O que configura um modo inteligente de se jogar os jogos sérios na realização de vontades individuais, como proposto por Sherry Ortner (2007).

Adotei desde a primeira entrevista o recurso do gravador, e com o tempo, passei a utilizá-lo de forma ritualística. Antes de iniciar a conversa formal, eu informava sobre a importância de se manter qualquer nome em sigilo, ou do direito de me informar só o que

fosse conveniente ao entrevistado. Após isso, com o gravador em mãos, perguntava se poderia gravar, e ligava-o. Antes de iniciar as entrevistas eu falava “gravação, primeira entrevista, vinte e nove de abril de 2014” com ordem e data da gravação incluídas, tal como no exemplo. Essa estratégia eu adotei para tentar marcar ritualmente uma nova relação entre pessoas, e nos separar das relações cotidianas. Esse recurso foi importante para quatro entrevistas nas quais eu conhecia os interlocutores de antes do evento. Nas duas restantes, não possuí meios satisfatórios de medir seu impacto, pois em uma destas, havia conhecido o interlocutor no momento da entrevista (foi inclusive a única que realizei na “cadeia”) na segunda, o receio e o medo me fizeram preferir registrar a entrevista em um caderno.

A minha falta de vontade em realizar qualquer entrevista na cadeia e o recurso do caderno foram motivados por uma preocupação em me preservar evitando possíveis conturbações. Ao mesmo tempo em que um gravador se relacionava conosco, provocando uma mudança de estado das relações compreendidas em uma situação de “entrevista”, também poderia ser interpretado futuramente enquanto um meio de delação. Ao levar em conta que boa parte da população carcerária aguarda julgamento, ou mesmo encontra-se em uma situação de convivência com práticas violentas, nas quais é-se forçado a ocupar uma posição de cumplicidade. O conteúdo das gravações poderia oferecer certos perigos para mim e para a minha família, o que se agravava pelo fato desta pesquisa ter sido desenvolvida em um contexto de uma cidade pequena. Todas as entrevistas, a exceção de uma, foram realizadas com homens livres. A decisão de entrevistar homens já libertos partiu de mim, tomada após entrevistar Francisco, devido o papel constrangedor em que fui colocado ao entrevistá-lo. Em parte por ter sido apresentado pela administração do presídio, e, apesar de não retirar a importância do conteúdo da entrevista, ressalto o caráter violento da administração para com os internos. Lembro que um dos fatos que mais me incomodou foi o olhar de Francisco, sempre direcionado ao chão e aos lados, o tom de voz baixo, o que me fazia sentir o peso de ser inconveniente. Nunca mais voltei à cadeia.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No capítulo subsequente à esta introdução, o segundo capítulo, faço uma breve apresentação da cidade na qual desenvolvi a minha pesquisa, assim como do estado do Maranhão, situando o leitor na rede de relações próprias dos lugares que frequentei, e como fui constituindo esse trabalho e como os meus interlocutores foram sendo constituídos. No terceiro capítulo, escrevo sobre a cadeia especificamente e faço uma breve apresentação dos meus principais interlocutores, e no

quarto capítulo discuto os espaços e as sociabilidades constituídas nas cadeias trabalhadas aqui.

1.3 Trabalhadores e vagabundos

1.3.1 A cidade

Caxias é a quarta cidade mais populosa do Maranhão, contando com cerca de cento e cinquenta e cinco mil habitantes, tem como filhos ilustres celebrados na cidade, os poetas Gonçalves Dias, Vespasiano Ramos e Coelho Neto, o matemático e idealizador da bandeira do Brasil Raimundo Teixeira Mendes, entre outros. Na cidade, também se encontram



Figura 1 – Localização do município de Caxias em relação ao mapa do Estado do Maranhão e localização do Maranhão no Brasil.

manifestações culturais e religiosas bem características do seu estado, como o bumba-meu-boi, os caretas e o tambor de crioula.

A cidade apresenta como circuitos turísticos, além de vários balneários e igrejas antigas, as ruínas da Balaiada – guerra que ocorreu na primeira metade do século dezenove, tendo grande apoio de quilombolas, vaqueiros e índios, tendo se alastrado pelo Piauí e Ceará, e encontrando em Caxias o seu declínio. Como principais nomes da guerra destacam-se: Negro Cosme, que comandava negros ligados a quilombos, Manuel dos Anjos Ferreira, conhecido como Manuel Balaio, e Raimundo, vaqueiro piauiense que foi responsável por atacar a delegacia da Vila da Manga, atual Nina Rodrigues, culminando em um dos focos principais do começo da guerra. Muitos jovens entusiastas deste episódio, e muitos moradores

antigos contam histórias desses líderes da Guerra da Balaiada, principalmente aquelas ligadas à valentia.

Uma das histórias mais memoráveis é sobre Negro Cosme, na qual se conta que ele era um “negro ruim”, “malvado”, e que toda vez que chegava a uma cidade procurava rapidamente pelo homem mais valente do lugar para ridicularizá-lo e matá-lo na frente de todos. Contam a partir disso, que, ao chegar em Caxias, Negro Cosme procurou um juiz muito conhecido por sua represália aos pobres. Ainda segundo contam, abriu a barriga do magistrado e dentro dela colocou um porco vivo, costurando-a posteriormente com o animal dentro.

O que torna essa narrativa interessante não é somente o elemento violento presente nela, mas também a forma pela qual um homem representando a camada mais baixa de uma sociedade – negro, no período da escravidão, e pobre, em um contexto de recrutamento forçado, de direitos violados por instituições do Estado, acompanhado por demais abusos por parte deste – mata de forma “cômica” um outro homem, de ofício e classe que representavam o Estado opressor.

Essa história não é, portanto, um relato de alguém que “subiu na vida”, o que se diz a respeito de alguém que consegue mudar de posição social. O negro não fica rico nem livre após o feito, mas ainda assim vence através do uso da força, provando ser mais “homem no uso da força física e da coragem” Esses elementos de classe formam um discurso sobre uma certa virilidade de classes mais baixas, ou mesmo da falta de virilidade de homens de classe mais alta e de sua “maldade” e poder expressos por meio das instituições.

As fronteiras entre Negro Cosme e o juiz não refletem somente sobre posições de classes diferentes. O trabalho de Durval Muniz Albuquerque Júnior (2003) me leva a pensar que não era por ser de classe diferente que o juiz seria mais vulnerável fisicamente, mas sim porque fazia parte de uma classe ligada a um determinado tipo de trabalho que, de certa forma, desmasculinizava o homem. Mas não estou aqui querendo fazer generalizações sobre essas relações, tampouco busco uma ligação fixa e inexorável sobre o tipo de trabalho e o tipo de homem. O que dissertei aqui serve para introduzir alguns elementos muito presentes na cidade de Caxias, os quais discutirei a seguir.

Este trabalho de dissertação não foi inicialmente pensado para ser um texto sobre contextos históricos da Guerra da Balaiada ou sobre alguns outros conteúdos que acabaram sendo aqui contemplados. Entretanto, a justificativa da introdução dessas minúcias apoia-se

na necessidade de clarificar algumas práticas e narrativas que ambientam o contexto dos meus interlocutores. Discorrer sobre eles sem evidenciar sobre onde moram, o que ouvem, ou mesmo o que dizem de supostamente “não relevante para a minha pesquisa”, é privar o leitor de uma quantidade razoável de material etnográfico “bom para pensar” conteúdo original deste trabalho.

1.3.1.1 Entre a Capital, a Cidade Pequena e o Interior

Abrirei esse tópico com algumas narrativas sobre diferentes políticos e donos de terras de Caxias. Entendo que essas narrativas refletem o contexto de relações violentas e políticas que compõe a vida de vários caxienses.

...Nas imediações de sua propriedade, ele dizia que horas os bares abriam e fechavam, era ele também quem decidia quando deveria ocorrer alguma festa. Para evitar confusão e monopólio, ele determinava um rodízio específico entre os bares durante todo ano. Quando alguém roubava ou tinha atrito com outro morador, era ele quem expulsava, assim como também era ele quem decidia quem ia ou não morar ali. Ele emprestava as terras para quem lhe pedia e provasse ser trabalhador, levava o médico para atender a população, e os doentes do interior para fazer tratamento na cidade, hospedando-os na sua casa, providenciando remédios, alimentação e transporte, e em troca ganhava o poder político que os moradores lhe dariam em votos...

...Na sua época diziam que ele era bastante respeitado e muito “ruim”. Contam os mais velhos que em sua propriedade rural estavam realizando uma festa. O responsável por ela contratou um serviço de segurança e todos os que entravam no estabelecimento onde teria o forró eram revistados. Um dos seus capangas foi impedido de entrar armado, e, ao levar esse infortúnio para o dono das terras, este moveu-se até o local, procurando o responsável pelo evento. Ao encontrá-lo, disse: quantas vezes a gente fez festa aqui e precisou de segurança? Nenhuma. Então pague os homens e mande eles embora... e a festa continuou sem seguranças...

...Um filho que morava em Brasília todo mês mandava dinheiro para a sua mãe, o sonho do filho era realizar o sonho da mãe de ter uma casa feita de tijolos. Após anos juntando dinheiro e material para a reforma, essa senhora finalmente conseguiu construir sua casa. O dono das terras, ao vê-la, mandou a senhora embora com toda a sua família e em seguida ateou fogo à casa recém-construída. Tudo para que isso servisse de exemplo a todos

os outros, pois ele não aceitava que em suas terras existisse outra casa de tijolos que não fosse a dele...

...Todo ano no seu interior ele organizava e patrocinava um festejo, com muita comida, bebida, música e leilão. Ele distribuía fichas de cerveja e carne para muita gente, assim como garantia transporte para quem morasse longe. No meio da festa ele pedia o microfone para dizer: “tem cachaça, tem cerveja, tem comida de graça, não é pra ninguém estruir, se destruir ou bagunçar eu mando amarrar naquele pau e dou uma pisa...”

...No tempo dele, quando ele vinha aqui, não tinha isso de menino usar brinco, tatuagem, menino tomar cachaça, não tinha disso não. Ele mandava era a família toda embora, a família toda; nas terras todas só tinha um bar que ele deixou abrir, e só tinha um comércio que era o dele, ele não aceitava ninguém comprar em outro comércio, tinha que ser lá, nem camelô entrava lá. Agora tá tudo bagunçado, até droga já tão usando.

...(Havia) uma fazenda de Caxias (que) pertencia à uma família de políticos do interior do Maranhão; sua extensão incorporava partes dos municípios de Caxias, Matões e Parnarama. Quando essa terra foi dividida pelos homens da família, cada herdeiro conseqüentemente exerceu mandatos políticos na cidade onde tinha maior propriedade. No início, antes da divisão cada pessoa que nascia nessas terras recebia o sobrenome da família do dono. De acordo com uma das pessoas com as quais conversei: “Botavam o sobrenome que era pra marcar o cara, que nem se marca boi, não tem?”

Durante a Semana Santa é bastante comum que se vá para um interior; geralmente se diz que se vai “para o interior da família”. Com isso não digo que todos os caxienses que conheci são descendentes de grandes proprietários de terras. Dizer que se vai para “o interior da minha família” ou para “o interior do meu avô” etc., é uma forma bastante comum de se fazer referência não só à ligação da pessoa com o mundo rural como também de fazer uma alusão à sua linhagem a partir da terra. Alguns vão mais além, conseguindo estabelecer linhagens entre primos distantes, do segundo ao terceiro grau, envolvendo a distribuição da família por diferentes povoados de Caxias, elaborando assim, um grande quadro de relações de parentesco.

Ilustro essa assertiva com o meu exemplo, posso dizer que sou Cayo Cezar de Farias Cruz, filho de Antônio Cruz, que saiu do povoado Baixão de baixo². Meus avós paternos

² O termo é justificado pela existência de dois Baixões, diferenciados como “de cima” e “de baixo”.

moravam no Baixão, mas as terras eram do meu avô, Eurípedes do Ó, que sobrevivia da venda de cachaça em festas do interior, alguns dizem que muitas das cachaças vendidas por ele eram de sua “fabricação”. Minha avó, Antônia Nascimento Cruz era neta de João da Cruz, do povoado Pé de Abóbora, não muito perto do Baixão, ao lado do Jatobá, onde nasceu o poeta Gonçalves Dias.

A partir desse meu ancestral posso identificar vários possíveis parentes, muito embora não tenham o sobrenome Cruz. Como por exemplo, o meu irmão de criação Raimundo Nonato Oliveira. O nome do seu pai é João da Cruz, que tem parentesco com meu ancestral João da Cruz. Embora não tenha nenhum parentesco direto comigo, conseguimos identificar nossa linhagem, mas essa prática não é tão comum entre os mais novos. Mas os mais velhos a usam bastante, reconhece-se com facilidade a partir de alguns sobrenomes, em qual interior moraram certos parentes distantes, a proximidade de sua família com outra, ou mesmo quais famílias moravam próximas ao lugar onde sua família morava.³

Essa relação do homem com a terra, e mais especificamente com alguma forma de produção que envolva fazendas e/ou grandes plantações, possibilita caracterizar um tipo de homem – que aqui nominarei com o termo êmico de “caboco” ara referi-lo. Essa relação, entretanto, não é necessariamente restrita ao camponês pobre, uma vez que o termo não cabe somente a todo homem que trabalhe em grandes ou pequenas extensões de terra, pois também acaba incluindo os homens ricos que mostram alguma ligação a esse tipo de trabalho em seu comportamento. Estes são geralmente referidos com alegações acerca da humildade apresentada nas suas roupas e gestos; sobre alguns, dizem que “andam rasgados parecendo um ‘peão’”, ou mesmo que “não sabem sequer falar direito” etc.

Alguns desses homens tiveram uma experiência de ascensão social, outros nasceram em famílias ricas, porém não optaram por estudar, e escolheram ajudar os pais no negócio da família. Existem também aqueles que, sem ter relação nenhuma com o tipo de produção ou propriedade citados aqui, conservam algum apreço por esse comportamento. Os “cabocões” (como popularmente se diz: “ele tem dinheiro, mas é todo “cabocão”), na maioria dos casos, são homens poderosos, que exercem alguma função política ou econômica que lhes garante notoriedade e prestígio frente às outras pessoas.

³ É muito comum alguém contar histórias desse tipo sobre antepassados, geralmente mulheres indígenas, que foram incorporadas à sua família à força, “que nem bicho”.

O “caboco”, portanto, caracteriza-se aqui como um termo direcionado homens que poderiam agir de determinada forma, mas que optam por outra. Em um primeiro momento, cheguei a considerar que esse comportamento se dava unicamente por uma ligação com a terra, porém, para além disso, a predileção por esse tipo de comportamento envolve também uma valorização de uma maneira de ser homem. O que é explicado pela quantidade de homens jovens incluídos nesse grupo que não tem qualquer ligação com a terra ou mesmo de alguns profissionais liberais na mesma situação.

Entretantes, ainda sobre essa categoria, faz-se, de já, necessário assinalar que o “ser caboco” não tem efeito ao representar um homem de classe baixa, mas sim um homem de classe mais alta. O que permite a existência de discursos como “Eu tenho dinheiro mas sou humilde, nunca tive frescura”. Qualquer homem poderia se comportar como um *caboco*, mas só para um homem rico esse termo ganha maior significância. Não conversei com muitos que se enquadrassem nesse termo; conheci poucos, e o que mais descobri sobre eles deu-se através de conversas com seus amigos, conhecidos, ou até com pessoas que, apesar de não ter um vínculo pessoal com eles, gostaram da ideia de me contar algumas histórias a respeito.

O termo “cidade pequena” surge aqui para explicar a dinâmica das sociabilidades caxienses na qual desenvolvo este trabalho. É empregado por muitos moradores sem reportar um sentido pejorativo à cidade ou aos seus moradores. Alguns também a situam apenas como uma cidade do interior do Maranhão. Caxias fica a seis horas de carro da capital São Luís e a uma hora de Teresina, capital do Piauí. Com pouco mais de 150 mil habitantes, Caxias é considerada como uma “cidade pequena”.

Porém, utilizei-me dessa característica cidadina para conseguir conhecer novos sujeitos de pesquisa bem como para ter acesso ao que um poderia falar a respeito do outro. Em outras palavras, o fato de Caxias enquadrar-se nas características típicas de uma “cidade pequena”, me permitiu estender esta pesquisa até o momento. Dentre essas características, resalto o que se diz no censo comum acerca de cidades desse tipo, que “todo mundo conhece todo mundo”. Essa expressão é utilizada tanto para se reclamar da vigília que as pessoas exercem uma sobre a vida da outra, e sobre a incapacidade de se fazer algo escondido na cidade. E foi percorrendo as redes de relações em Caxias que as relações entre o campo, a cadeia e a política vão tomando forma e distanciando duas práticas diferentes: o roubo e o assassinato.

2. EXPLORANDO O BAIRRO: ESQUINA, FOFOCA E HONRA

2.1 A Fofoca

Tudo o que recolhi nesses anos de observação, embora muita coisa transpasse a barreira do lugar aqui tratado, teve como principal campo de informação o bairro Maioba⁴. Longe de ser um bairro elitizado, apresenta por meio dos seus moradores e moradoras, hábitos peculiares e característicos de bairros compostos por pessoas de camadas mais baixas da cidade de Caxias. Dentre esses hábitos, destaco um como principal: o de se sentarem, vários de seus moradores, em esquinas ou portas de casa para conversar durante o dia, tarde ou à noite. A frequência de moradores de bairros mais elitizados nas portas, nas ruas e esquinas envolvidos nessa ou em outra atividade é bastante tímida, algumas vezes até inexistente. Em contrapartida, não raro alguém encontra na Maioba ou em outros arredores mais pobres de Caxias um contingente cada vez maior de moradores dedicados a esse tipo de interação.

Embora a cidade não me apresentasse um bairro composto somente por pessoas de classe alta, como é comum em outras cidades brasileiras, ela possui algumas vilas e condomínios de casas fechadas, nas quais moram famílias de grandes empresários e/ou de políticos locais. No entanto por serem, como dito, “fechadas”, não tive oportunidade de observá-las ou conhecê-las mais profundamente. Mas comparando essa prática do bairro Maioba com as que são recorrentes em bairros como o Residencial Hélio Queiroz ou Caraú, que são habitados por pessoas de poder aquisitivo maior do que os encontrados aqui, o modelo de interação pertinente às esquinas não se repete.

Chamarei de *esquina*⁵ o lugar dessas atividades, discriminando seu contexto espacial. A minha opção pelo uso desse termo justifica-se no forte emprego deste ao designar um lugar de uma pessoa ou de uma prática sem muito prestígio. Desse termo, derivam expressões como “mulher de esquina”, “passa o dia nas esquinas sem fazer nada”, “só vive nas beiras das esquinas”. Pode-se observar que as expressões são utilizadas para designar pessoas consideradas ociosas, que não “trabalham”, e dedicam-se às atividades típicas das esquinas: falar e ouvir sobre o outro; tal como identifica-se nas duas últimas expressões citadas.

⁴ O nome do bairro foi alterado para garantir o sigilo das pessoas que contribuiram com essa pesquisa.

⁵ Quanto às esquinas, não existe nenhuma distinção clara; todas são abertas e cambiáveis, mas geralmente tendem a ser homogêneas: ora há muitas mulheres e quase nenhum ou nenhum homem, ora muitos homens e quase nenhuma ou nenhuma mulher, sendo que, em termos gerais, os homens ocupam mais as esquinas do que as mulheres.

Enquanto que na primeira, o termo é usado para designar uma mulher que faz programa e, nesse caso, para vários moradores, não se permite ao trabalho.

O trabalho é um forte construtor de identidades, marca e separa severamente homens e mulheres. Sobre isso, me aprofundarei mais à frente. O que interessa neste momento é analisar como as esquinas constituem focos de distribuição de informação assim como também um forte regulador moral de um grupo. Utilizarei para isso, duas categorias: *fofoca* e *resenha*. A primeira utilizada pelas mulheres, ou para as mulheres, pois é um termo que os homens utilizam geralmente para atacar outro homem. A segunda é amplamente utilizada pelos homens; em campo, presenciei poucas mulheres usando esses termos.

A *fofoca* é uma prática considerada de mulher, ou de “nigrinho”, de “negrinhagem”. Aqui, serão discutidos dois tipos, a partir da sua zona de influência: *fofoca* doméstica e *fofoca* pública. A primeira, diz respeito a esse tipo de prática dentro de grupos familiares ou mesmo no tocante à vida doméstica de alguém. A outra, às circunstâncias em que alguém censura algum comportamento público de algum vizinho.

A intenção de qualquer *fofoca* é conseguir propagar uma informação sobre algo que alguém tenha, ou não, feito. E não envolve somente informações caluniosas sobre alguém, - essas categorias são bastante utilizadas, por exemplo, para denegrir alguém no contexto do bairro -; a censura sobre o comportamento de alguém, é logo seguida pela preferência de algum modelo de comportamento aceito.

Por exemplo, ao falarem certa vez de uma viúva, que pouco tempo após a morte do esposo já havia se enamorado de outro rapaz, uma interlocutora disse que ela não deveria ter tomado tal postura, pois era “falta de consideração com o morto”, e que ela, a própria interlocutora, jamais teria “cara” de fazer algo do tipo. Nota-se que, ao censurar um comportamento, o/a fofoqueiro/a ou alguém que esteja ouvindo, tende a se posicionar com referência a este, em acordo ou desacordo. O alvo da *fofoca*, ou melhor, a prática reprovada deste, serve a quem dele fala como um nivelador das fronteiras das moralidades de um grupo de pessoas, uma forma de regular um tipo de comportamento desejado discursivamente.

Sobre *fofoca*, Claudia Fonseca (2004:33) escreveu:

[...] A *fofoca* é uma força niveladora; é, sobretudo, o instrumento dos que se sentem inferiores e que só podem realçar seu status rebaixando o dos outros. Não visam elevar-se acima de outrem. A *fofoca* é a arma das pessoas que têm medo de ser inferiores, não das que querem ser superiores. (2004:;33)

Outro caso interessante aconteceu em um bar. Na ocasião, estávamos eu, além de três homens, quando um deles começou a reclamar da esposa, que segundo ele, não lhe tinha o mesmo cuidado que sua mãe matinha por seu pai. A dona do bar aproximou-se concordando e censurando-a igualmente, afirmando que era “feio para uma mulher fazer isso”, completando em seguida que ela mesma sempre cuidou bem do seu marido, e que inclusive, quando ele saía para os pagodes de que gostava tanto, ela sempre deixava o jantar dele sobre o fogão, o esperando retornar.

Ciente de que explicitarei casos específicos, não tenho como fazer uma reflexão maior sobre os elementos estruturantes de uma *fofoca*. Porém, os coloco como uma contribuição sobre os movimentos de seus tipos; no primeiro caso, onde se constrói um modelo reprovável e no segundo, em que se elege uma conduta aprovável. As duas histórias contadas, portanto, refletem bem sobre um papel determinado que é reivindicado após a crítica sobre algo considerado censurável.

O segundo tipo, a *fofoca pública*, recai sobre o comportamento de pessoas fora do ambiente doméstico. Não interessando a este tipo, o comportamento das pessoas com seus cônjuges, ou mesmo dentro de casa. Esse tipo, diz respeito principalmente sobre alguém que bebe muito, que não trabalha, ou que rouba etc. É utilizado como medidor social mais amplo, envolvendo valores além dos cultivados dentro de um ambiente familiar. A *fofoca* é, ao mesmo tempo, imoral e moral. Essa ambiguidade é caracterizada justamente pelo fato de que a *fofoca* é algo considerado nocivo, ou mesmo muito prejudicial, como dizem, “feio”; é também um instrumento moderador e controlador pelo qual passeiam valores de um grupo, ou indivíduo. Ainda inspirado em religiões de matriz africana, a *fofoca* é, nesse contexto, considerada como um fator sintomático de um feitiço.

Max Gluckman (2011:12), ao analisar os rituais de rebelião entre os zulus e a sua estrutura social, sobre as denúncias de feitiço aponta:

Não causa surpresa que as acusações de feitiçaria fossem feitas frequentemente por mulheres do mesmo marido (ciumentas dos favores desse último, mas também interessadas por seus filhos) e por homens e mulheres contra cunhadas e noras. Além disso, os homens do grupo, devido à unidade deste, não podiam atacar uns aos outros com acusações de feitiçaria, mas podiam fazê-lo indiretamente com acusações contra as respectivas mulheres.

Os feitiços destinados às mulheres zulus, que geralmente as impediam de ter filhos, ou matavam seus maridos, atacavam principalmente seus atributos domésticos. Eram

considerados obras de outras mulheres do seu grupo familiar, como noras, cunhadas etc. A *fofoca* não é considerada de outra forma. Nesses casos, atribui-se à outra mulher a responsabilidade sobre alguma *fofoca* que esteja agindo contra uma segunda, e essa prática é também considerada vil, assim como a feitiçaria maligna, à qual toda mulher zulu pode se render. Outros elementos podem figurar como característicos dessa prática, como alguma mulher do ambiente doméstico: irmã, nora ou sogra, ou de um ambiente profissional. A mulher, portanto, é quase exclusivamente vinculada à todas as deduções sobre *fofocas*.

Quando se vai falar de um homem que esteja envolvido em alguma prática de *fofoca*, diz-se: “se é feio pra mulher, avalie pra homem”, o que mostra como epode ser considerada por outras pessoas, ao mesmo tempo, vil e como “coisa de mulher”, revelando seu “peso” sobre os homens que a praticam. Sobre os fofoqueiros, Fonseca (2004:28) diz também:

[...] A fofoca envolve, pois, o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta destinada a fazer mal a determinados indivíduos. Ninguém se considera fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança.

Agora aqui será apresentada a *resenha*. Como dito acima, a *fofoca* é difundida como algo de mulher, contudo, a *resenha* possui os mesmos elementos da *fofoca*. O que faz com que exista alguém envolvido na história, geralmente conhecido, que tenha feito algo sobre o qual todos comentam; ou então sofra de algo que todos saibam menos ele, como no caso de alguém estar sendo traído pela companheira. As *resenhas* têm um teor mais cômico, abordando assuntos mais livres, e é bem comum um homem falar que estava com os amigos só “resenhando”.

Essas *resenhas* são sempre motivos de risos e espalham-se rapidamente de “boca em boca”⁶, e não há necessidade de que sejam verdade, inclusive a própria invenção de uma história sobre alguém pode ser empregada com um sentido cômico. Um exemplo deste tipo de *resenha* com a qual tive contato, foi a de Leandro⁷, que desavisadamente comemorava a aquisição de um desodorante novo, barato e bem eficiente que acabara de comprar, sem se dar conta de que se tratava de um produto purificador de ambiente, Bom Ar.

⁶ Expressão utilizada para designar o meio pelo qual uma informação é transmitida.

⁷ - Nome fictício.

Não é interessante, para fins deste trabalho, qualquer esforço em discorrer profundamente sobre *fofoca* e *resenha*. O interesse aqui é de como os homens, embora pratiquem algo semelhante ao que eles dizem ser “de mulher”, o categorizam de outra forma. Essas categorias são mecanismos pelos quais os homens tentam ordenar e controlar as experiências, legitimando alguma estrutura social (Peter Fry 1982), esforçando-se assim, para demarcar as suas diferenças em relação às mulheres⁸.

2.2 A Honra: Breves Apontamentos sobre um Time de Futebol

O bairro Maioba, onde pesquisei e no qual se encontram também os dois principais sujeitos desse trabalho, está situado na Zona Central da cidade, apesar de ser comumente considerado periferia — dizem ser um dos bairros mais perigosos de Caxias, muito embora os moradores aleguem que essa fama tenha sido herdada de tempos atrás e que hoje em dia tudo esteja mais tranquilo, porque os homens perigosos já teriam morrido há tempos e os homens de hoje seriam mais calmos que os do passado; ou, como também é dito, mais “moles”⁹. Esse discurso acentua como os padrões de violência de um bairro estão ligados aos padrões de violência que seus homens podem praticar.

Embora o bairro careça de estrutura apropriada como espaços públicos e centros de convivência que auxiliem a realização de festas locais e confraternizações, conta com a quadrilha junina mais premiada da cidade, a Unidos por São João, com um dos blocos carnavalescos mais antigos também, o Turma do Funil e a sede de um importante time de futebol local, o Esportivo Futebol Club¹⁰. E todas essas manifestações conseguem agitar as suas noites com muita cerveja e música em momentos determinados do ano, ocupando sempre as vias públicas e praças em suas horas de comemoração.

Apesar de existir há muitas décadas, o time de futebol teve seu nome mudado recentemente para poder voltar a participar dos campeonatos locais, pois o time com seu antigo nome, Maioba Futebol Clube, havia sido expulso da liga de futebol da cidade. Os homens que dele participavam, contam que a razão da expulsão se deveu às grandes

⁸ Uso aqui termos gerais como homem e mulher, pois, a partir da sentença “se é feio pra mulher, avalie pra homem”, nota-se que há um interesse em construir padrões de comportamentos gerais que muitas vezes não correspondem à realidade da vida.

⁹ “Moles” são homens que não respondem à uma ofensa com violência física, ou mesmo os que temem fazer algo do tipo.

¹⁰ Todos os nomes das agremiações recreativas citadas aqui foram alterados para garantir sigilo aos interlocutores.

confusões que a equipe e os torcedores faziam durante e após os jogos – segundo alguns, o lema do time era “se perder na bola, ganha na porrada”.

O time voltou a competir muito recentemente, cerca de três a quatro anos atrás. Um de seus fundadores foi José¹¹; um grande entusiasta do esporte e o primeiro técnico do time, também muito responsável pelo sucesso da equipe em alguns torneios regionais, José também se destacava no bairro por diversos trabalhos que prestava à comunidade do Maioba, como a organização de um pequeno carnaval de rua, além de sempre se prontificar a recorrer junto à administração pública da cidade para obter algum auxílio às demandas estruturais do lugar, como manutenção das ruas, do esgoto etc. Apesar de todo esse engajamento, José, não residia no Maioba, mas confessava um grande sentimento pelo lugar, pois seus pais moravam nele e lá havia crescido, conservando no bairro, ainda, muitos amigos do tempo de criança.

O comportamento antigo do time, traduzido em seu lema “ se perder na bola, ganha na porrada” aparentemente não é mais revivido atualmente. Nos quatro únicos jogos que acompanhei – inclusive finais importantes que não foram bem-sucedidas – não houve nenhuma intenção de compensar a perda futebolística por uma vitória em algum combate físico. Durante dois desses jogos, eu fiquei na charanga¹² e pude acompanhar de perto a animação da torcida e a violência dos jogadores, escondidas pela malandragem frente ao juiz, para evitar qualquer risco de conseguir um cartão que pudesse prejudicar o time.

O técnico do Esportivo foi assassinado no ano de 2012, pouco antes da final do campeonato regional. Foi morto a tiros quando estava a caminho do trabalho. Sobre o assassino não houve comentários; a polícia não conseguiu chegar a nenhum suspeito. No infortúnio, acompanhei a partir das esquinas, dos bares, das sinucas e das resenhas, a forma como o evento ia sendo discutido pelos outros moradores. O sentimento de tristeza era muito acentuado, e o de vingança também. Muitos homens com os quais conversei, naquele momento procuravam descobrir quem era o assassino, e nisso, especulavam diversas possibilidades. A intenção, de acordo com as conversas, era a de matar o vitimador de José.

Contam que antes de levantar o caixão para dar início ao cortejo e antes de colocá-lo na cova - momentos recorrentemente marcados pela oração do Pai Nosso -, vários homens do bairro, da família e do time de futebol rezaram em volta do caixão de um jeito diferente,

¹¹ Nome fictício.

¹²Conjunto formado por instrumentos de percussão que servem para acompanhar os gritos de guerra de um time de futebol durante a partida.

gritando com força, como um grito de guerra. As pessoas que assistiram a todo o ritual, comentavam esse ato de forma emocionada. O velório de pessoas vítimas da violência invariavelmente inclui momentos carregados de simbolismo, nos quais o corpo do morto interage de formas diversas. Atenta-se para as feições do rosto, se por exemplo, sai sangue da boca, se espuma muito, ou se está demonstrando paz e felicidade etc. Sobre este último, um jovem, vítima de um acidente de trânsito, sangrava pela boca durante o velório enquanto seu pai o beijava. Ao ver isso, algumas pessoas diziam que o morto naquele momento estava “pedindo vingança”.

Os espaços de socialização em que ouvia sobre *fofocas* e *resenhas*, transformavam-se acontecimentos ordinários em extraordinários e, por conseguinte, transformavam a trajetória de um morador em algo que envolvia todo o bairro. Na sorte de algumas conversas, não necessariamente sobre a morte de José, mas em outras várias que participei, inclusive no bar do Seu Tônico, observei o quanto crianças eram privadas de ouvir e participar das conversas dos adultos; no caso do bar, eram mandadas embora, pois ali não era “lugar pra menino”. Quando se discutia também a morte do técnico do time, e as possibilidades de vingança, costumava-se expulsar os meninos de perto. O que se aproxima dos rituais estudados por Victor Turner (2005), em seu trabalho nomeado “A floresta de símbolos”. Neste exemplo, é a partir de certos eventos ordinários e extraordinários que as crianças inauguram a vida adulta, começando a ser aceitas em conversas de adultos. Ser considerado, ou melhor, ser aceito como adulto para um homem, requer que o sujeito consiga manipular sinais necessários ao que representaria um homem no contexto em questão. Ter parte ou não da vida adulta, é um processo pelo qual os meninos precisam esperar o consentimento dos homens para consumarem.

Contudo, o que é mais recorrente ao se discutir tanto o acontecimento da morte de José, ou o passado do Esportivo Futebol Clube marcado por brigas, é de como certos laços são construídos a partir do que chamarei aqui de “briga”. Quando disse que o time brigava aos fins das partidas de futebol que perdia, não brigava entre si, brigava com outros. Quando José foi assassinado, os homens do bairro procuraram vingá-lo, por mais que este último ato talvez não tenha sido praticado.

A vontade de compensar o fim do amigo com a morte do vitimador, revela uma representação de sentimento de afinidade, no primeiro momento vivido por um time que briga em conjunto; no segundo momento, por homens isolados, que, podendo ou não serem do

mesmo bairro, procuravam, a partir da morte, uma vingança simbólica da perda do amigo. O que é uma prática dos homens, não dos meninos, sentimentos que se aprende a recorrer e vingar a partir do discurso, não necessariamente da prática. A vingança, aqui, está ligada diretamente a demonstração de solidariedade.

O discurso ligado à valentia e à briga é revivido sempre quando se comenta qualquer agressão a um vizinho ou parente, ostentando um espírito de solidariedade bem propagado na conversa dos homens. Solidariedade esta que é constituída a partir da agressão, configurando uma lógica na qual “considerar” é “defender” e “defender” é “agredir” – ou como se diz “comprar as dores”, pois, segundo eles “Maioba é Maioba”.

A morte é mais complexa, surge como uma cobrança moral a qual todo homem pode estar sujeito em determinado momento da vida, e que impera tanto contra a vítima quanto contra o vitimador. Ao contrário de outras práticas, que também compartilham da mesma condição de ilegalidade, como o roubo, o assassinato recebe uma leitura social diferente e mais complexa do que o primeiro.

A morte não constitui um sujeito moral em sua prática, uma vez que a morte, e, mais precisamente o assassinato, implica na agência de determinados atores; ou seja, ela precisa ser simbolizada de determinada forma para que o vitimador não seja desmoralizado. A honra, então, fundamenta-se como um aparato jurídico, um regulador de relações sociais, uma verdadeira instituição, pois ela permite que um grupo de pessoas construa sobre ela, diversas trajetórias e mecanismos de manutenção, que visem a conservação de outras instituições, como no caso aqui citado, o da família.

Essa relação entre a ofensa e a vingança, assemelha-se ao que Pierre Bourdieu (2002) diz a respeito do dom, e da necessidade de se retribuir o dom da ofensa para se conservar a honra. Porém, isso não é só presente em uma situação que envolva alguma retaliação física de um dos envolvidos, pois o jogo da troca de dons e do desafio é bastante presente em outras práticas do bairro. Como afirma Bourdieu (2002), “toda troca contém um desafio, mais ou menos dissimulado, e, assim, a lógica do desafio e da resposta é apenas o limite em direção ao qual tende todo ato de comunicação e, em particular, a troca de dons”.

2.3 O Bar do Sr. Tônico: a sinuca, o desafio e o humor

Seu Tônico é um homem de mais de setenta anos de idade que usa uma bengala para caminhar devido a um problema na perna. Sua mobilidade reduzida leva muitos dos frequentadores do seu bar a brincarem com a sua situação, inclusive lhe colocando apelidos, sendo um dos mais constantes o de “senhor Miyagi”, referência a um personagem de um filme antigo (*Karatê Kid*). Na história, senhor Miyagi é um velho mestre de Karatê. A razão do apelido, os frequentadores alegam, é devido às semelhanças físicas, como o caminhar desajeitado, um bigode que conserva de longa data, os cabelos brancos e a baixa estatura.

O bar foi fundado em meados de 2009. O dono alega que o motivo que o levou a procurar esse tipo de negócio foi entretenimento, pois morava sozinho, não tinha família, e, nessas circunstâncias, para ele, ser dono de um bar o permitia um pouco de distração, que o servia também como uma espécie de aposentadoria. Sobre o fato de ser sozinho, não ter esposa nem ter tido filhos durante a vida, quando questionado, seu Tônico diz que “família só serve pra se intrometer na vida dos outros, é só pra dar trabalho”.

Ele foi dono de uma churrascaria em uma cidade vizinha, e trabalhou muito tempo como contador para uma grande empresa local mesmo não sendo formado na área, possuindo apenas um curso técnico profissionalizante, algo comum na época. Afirma também ter andado por muitos lugares, conhecido muita gente e ter ganhado muito dinheiro na vida (ao falar do dinheiro que ganhava, ele diz valores entre dez e quinze mil reais por mês). Seu Tônico costuma falar bastante a respeito de um lugar chamado “Casa dos Prazeres”¹³, um bordel que fica na cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, acerca de uma hora de distância de Caxias. Esse bordel é bastante conhecido devido às mulheres que o frequentam, consideradas as mais bonitas dos bordéis da região. Não só as mulheres, porém, tornam o lugar conhecido; como também os preços altos garantem ao lugar um caráter bem eliminatório, pois orbitam como um estorvo para que homens de pouco poder aquisitivo consigam dispor de seus serviços.

As mulheres, na maioria, de peles claras, dizem geralmente não serem daquele estado, coisa que qualquer um que frequente o lugar em intervalos prolongados constatará uma espécie de constante renovação das mulheres da casa. Elas dizem que há uma espécie de rodízio, onde as garotas sempre ficam algumas temporadas em uma casa e dificilmente se

¹³ Nome fictício.

fixam perpetuamente Segundo algumas com as quais conversei, demorar-se muito em um lugar não é bom para os negócios, pois “se demorar muito os homens abusam e não querem pagar muita coisa”. Alguns homens, ao se referirem a mulheres assim – que não necessariamente trabalhem no ramo sexual, mas brancas, loiras ou morenas ou que consigam passar alguma expressão de classe mais alta – chamam-nas de “carne branca”¹⁴.

O programa fica entre trezentos e mil reais. As que são novas no lugar, sempre cobram mais. E seu Tônico sempre se diz um freguês constante dessa casa. Segundo ele, é rotina chamar duas garotas, ou como ele diz “mandar pegar” uma duas ou três garotas para passarem o final de semana com ele em Caxias ou em algum litoral.

Essas histórias, seu Tônico sempre conta quando tem gente no seu bar; alguns interlocutores dizem se tratar de mentiras, pois para eles, o dono do bar já não tem idade e saúde suficientes para relações sexuais, o que é motivo de muitos risos e de respostas inusitadas por parte de seu Tônico, como pedir para quem esteja duvidando de sua capacidade sexual, lhe ofereça a mãe ou a irmã para que elas comprovem, ou mesmo pede para que se “pergunte a elas”, pois elas já haviam comprovado, ou, em tom cômico, dirigia-se para o interlocutor “vira a bunda pra tu ver”.

O Bar tem três mesas de sinuca e algumas máquinas caça-níqueis. Em algumas épocas do ano, como no Dia dos Pais ou na Semana Santa, os moradores organizam alguns torneios de sinuca que mobilizam muita gente para o local. As sinucas sempre se encontram em bares. Ainda não identifiquei um lugar em Caxias que ofereça a sinuca sem nenhuma bebida para acompanhar. As sinucas geralmente são abertas por fichas, as fichas são moedas de metal que se coloca para que liberem as bolas do jogo. E com as bolas sobre a mesa, se decide sobre o que vai jogar.

Como vou falar somente dos jogos de aposta, aqui apontarei dois: o primeiro jogo é o “*normal*”, onde joga-se com todas as bolas, menos a de número um. As bolas têm cores e número, com exceção da branca, que é usada para derrubar as demais em alguns buracos espalhados pela mesa chamados de caçapas. O jogo condiz em um jogador tentando derrubar as bolas de número par e outro jogador tentando derrubar as de número ímpar. Vence quem

¹⁴ O termo foi usado quando surgiram alguns convites para um grupo de amigos irem para uma festa frequentada por pessoas de classe bem mais alta que a das pessoas do grupo. Eles, então, usavam a expressão “eita que só vai ter carne branca lá”, ou, ao elogiarem um grupo de mulheres, usavam expressões como “só carne branca”. Isso não foi dito somente por homens negros, homens de cor branca também usaram essa expressão.

conseguir colocar todas as suas bolas primeiro nas caçapas. Quem derrubar a bola branca na caçapa durante o jogo perde uma bola. O tempo das apostas dá a velocidade do jogo. Em uma partida dessas, como foi dito, de quatorze bolas, demora-se mais tempo do que o próximo jogo que será tratado.

O outro jogo registrado chama-se “*nêga*”: joga-se somente com três bolas, onde a numeração par ou ímpar é discriminada e vence quem conseguir colocar a última bola na caçapa. Nele, a bola branca é usada com a mesma finalidade, de encaçapar as outras, com a diferença de que nesse jogo, quem derrubar a bola branca na caçapa perde. No tipo “*nêga*”, as tacadas são mais fortes, e tem de ser necessariamente mais precisas, e as apostas são menores. Enquanto se aposta dez reais, vinte reais, por exemplo, em um jogo “normal”, se aposta dois reais em um jogo de “*nêga*”. O primeiro chega a demorar cerca de dez minutos, enquanto o segundo não chega a dois ou três.

Os valores que exepliquei são mínimos. Quando algum jogador experiente está jogando a “*nêga*” no valor de dois reais, costuma falar para quem estiver ouvindo que está “somente brincando”. Um jogo de “verdade” chega a valores indiscriminados. Em uma ocasião cheguei a presenciar um jogador perder quatrocentos e oitenta reais em um jogo de “verdade”, onde cada partida com quinze bolas valia cinquenta reais “casados¹⁵” além do valor das fichas, pois as fichas da partida ficam por conta do perdedor. “Em uma mesa de sinuca podem jogar quantos jogadores for possível, podem revezar muitos homens, para cada um que perde um jogo, outro assume no jogo seguinte.

Vários motivos podem levar dois homens ou mais a quererem jogar entre si. Podem fazer parte do mesmo grupo de amigos, ou mesmo nunca terem se visto, mas este meneio não é o mais relevante aqui. Alguns às vezes demonstram alguma relutância quando são convidados para jogar por outro, ou mesmo podem até deixar claro a sua vontade de não participar de nenhuma partida. Ocorre, muito frequentemente, nesse tipo de situação, uma série de insultos proferidos contra o jogador que se mostra indisposto. Os termos bastante usados na provocação são: “frouxo”, “veado”, ou mesmo dizer que ele “não é homem” de forma indagativa, do tipo: “você não é homem, não?”. Alegar que o oponente em potencial esteja sentindo medo do outro e por isso não é homem, não toca somente à relação homem-homem, mas sim homem e jogo também.

¹⁵ “Casar” o dinheiro acontece quando ambos os apostadores colocam, em cima da mesa em que vão jogar, os seus valores a vista de todos os outros presentes.

Existem vários meios de se conseguir levar um jogador menos hábil ao jogo e conseguir ganhar dele algum dinheiro. Muitos jogadores, ao perceber que existe uma grande distância técnica entre ele e o outro jogador com quem pretende empreender uma partida, o oferecem algumas bolas de vantagem. Assim, em um jogo de quatorze bolas, o jogador mais fraco começaria com duas, três ou quatro bolas a menos. Há também outra vantagem que pode ser oferecida nesse jogo: o jogador, privilegiado pela oferta, pode escolher as bolas que ele irá querer que sejam dispensadas do jogo depois que o jogo começa, o que lhe garante uma vantagem tática sobre o outro; ou então, em uma vantagem menor, as bolas podem ser recolhidas antes do jogo começar. Essas são duas possibilidades que a vantagem cedida pode comportar. Outra estratégia que se utiliza para conseguir levar jogadores com menos perícia ao jogo é a de jogar a partida só com uma mão, em vez de duas (que é o proceder normal), dificultando bastante o jogo de quem se oferece para competir assim. Essas vantagens, classifico-as como duas: vantagem sobre o jogo (bolas a menos) e vantagem sobre o jogador (jogador somente com uma mão).

Contudo, elas podem vir combinadas, e um jogador pode, além de permitir que o concorrente jogue com menos bolas, se oferecer para jogar também só com uma mão, o que facilitaria muito a vitória do outro. Isso é bastante usado para seduzir outros jogadores, contudo, também é uma forma de igualar a competição. Já presenciei alguns jogadores serem condenados por outros por não oferecerem vantagens a jogadores bem piores que ele.

Ocorre também das vantagens oferecidas em um jogo serem usadas como uma ofensa a outro jogador, ou mesmo representarem um desmerecimento à vitória de alguém que ganhe com tantas vantagens oferecidas. Outra peculiaridade é sobre as apostas e aqui é possível visibilizar uma proximidade com o que foi observado por Clifford Geertz (1989) nas brigas de galo. Quando jogadores distintos estão apostando entre si, todos os expectadores são livres para apostar no jogo, em quem ganha ou perde, ou em momentos dele, se alguém vai ou não conseguir encaçar uma bola que está em uma posição muito difícil.

O próprio jogador é livre para apostar tanto com quem ele está jogando como com quem está por fora; quanto mais apostas, ou quanto maior for o valor das apostas, maior é o envolvimento do público com o jogo. Elas funcionam também como uma forma de representar um vínculo, pois dificilmente um jogador que seja do bairro onde fica o bar, que tenha relações de afeto com outros jogadores que ali estejam, ou com algum que esteja jogando, irá apostar contra este, principalmente quando o outro jogador é “de fora”.

Outro fator que vale a pena ser observado sobre as apostas, trata de quando um jogador está em uma partida de sinuca e, já tendo acumulado muitas vitórias sobre o oponente, ou um grupo destes, deseja abandonar o jogo após poucas derrotas contra a vontade dos demais competidores. Acaba então, destacado como alguém que está com medo, ou, como se diz, “correndo” e é censurado, pois quem estava perdendo “soube perder” e continuou no jogo. Quem esteve ganhando e após algumas derrotas demonstrou vontade de abandonar o jogo, não está respondendo moralmente às expectativas do desafio, pois jogar envolve ganhar e perder, e o bom jogador deve estar disposto às duas possibilidades. Assim, o jogador fica marcado por violar o caráter moral do jogo, por mostrar um receio de correr riscos, que envolve perder dinheiro, e fazer do interesse na competição um algo puramente econômico.

Nota-se, pois, que o jogo de sinuca possui um caráter moral muito forte, desde a equiparação dos jogadores pelas vantagens, até às preferências de aposta a partir dos laços construídos no contexto do bar, do bairro ou da cidade. Também pela conduta de quem está ganhando e começa a perder, mostrando que o competidor não deve frustrar à possível reviravolta do outro; o que me leva a inferir que, apesar do movimento de valores em dinheiro no jogo, o *status* que se constrói e a conduta dentro do jogo, explicitam a aposta moral a qual esses homens estão dispostos.

José Jorge de Carvalho (1990), ao analisar jogos entre garotos, escreveu algo muito próximo do que exponho aqui. Os meninos estão a toda hora provando e comprovando a sua masculinidade. Ser homem, para o autor, é uma comprovação, tem-se que provar ser, conquistando assim sua identidade de gênero, pois não se é homem por ser, é preciso que outros comprovem. Nos jogos estudados por Carvalho, os meninos mais fracos ou não tidos como pareáveis pelos outros – o que implica não carregar atributos do masculino – corriam o risco de ser subjugados, expulsos da brincadeira e até mesmo tomados sexualmente.

Embora não haja nenhum indício de tal tendência no jogo de sinuca que envolva a vulnerabilidade sexual de algum jogador, o teor sexual nas brincadeiras é muito recorrente, tanto por parte do dono do bar, ao responder para que o outro “vire a bunda” para que ele afirme sua virilidade quando o outro, por algum motivo, estivesse duvidando dela, e isso sem que necessariamente sinta que sua orientação sexual seja questionada. Muito embora tenha confrontado um outro homem sexualmente; ou mesmo quando alguém se recusa a participar do jogo de sinuca.

O que está em questão não é simplesmente o dinheiro ou a bebida, mas sim que cada sujeito, envolvido nessas atividades, consiga se representar a partir do que é eleito como atributo de um homem, ou seja, a capacidade que cada homem tem de ser autor de si mesmo. As rodas de bebida e os jogos de sinuca são eventos que permitem e que de certa forma, exigem que o homem exercite essa capacidade, indo além do jogo com as bolas de sinuca ou com o copo de cerveja. Neles, um jogo verbal se aproxima, e a sinuca, por exemplo, não envolve só quem está jogando, como também todos os expectadores também compõem esse campo moral sobre ser homem. Ocorre, portanto, circunscrita em amplos contextos simbólicos de um universo considerado “de homem”. Não se trata de quem ganha ou quem vence, mas de como se questiona os vencedores e os perdedores e os que fogem da disputa: “Você não é homem, não?”.

O fato de ser homem e ser desafiado, envolvem um reconhecimento de igualdade, ao mesmo tempo que as consequências do desafio o possam desonrar, uma vez que o desafiado pode sair derrotado, ou quando não, pode fugir do desafio, possibilitando a alegação de que ele tenha medo, o que é um atributo depreciativo. As lógicas das brincadeiras de “virar copo”, do time de futebol, das agressões a partir das considerações e da sinuca, assemelham-se e se tocam constantemente, pois nelas, compreende-se em todas as partes, um princípio de inclusão e exclusão, no que diz respeito a ser homem. Bourdieu (2002) diz que:

A qualidade de homem, reconhecimento que é a condição de toda troca e do desafio de honra como primeiro momento de uma troca; é reconhecer também a dignidade de homem de honra, já que o desafio, como tal, requer resposta e, em consequência, se dirige a um homem julgado capaz de jogar o jogo da honra, e de jogá-lo bem, o que supõe, em primeiro lugar, que ele conheça suas regras e, em seguida, que tenha as virtudes indispensáveis para respeitá-las.

Nos capítulos seguintes, será discutido como a construção de um ser homem é vivido no contexto da privação de liberdade, obedecendo ao que foi discutido até agora sobre as formas de responder à determinadas ofensas. O que ressalva a perspicácia dos sujeitos ao interferirem e participarem constantemente das trocas de dom nos diferentes contextos em que estão envolvidos.

2.3.1 Trabalhadores e vagabundos: dando nome aos outros

No ano de 2010, estava recém-encerrada a chance de eu participar de uma iniciação científica na qual desenvolveria um projeto sobre o bumba-meu-boi apresentado em Caxias e sobre um estilo considerado peculiar na região, denominado de *roladeira*¹⁶. O bumba boi em questão é o “Brilho da Princesa” que ainda hoje é comandado por meu pai, Antônio Nascimento Cruz. O meu envolvimento com o Brilho da Princesa era algo bastante comentado por meus professores, que me estimulavam a escrever a respeito. Meus primeiros investimentos dentro do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí (UFPI) foram frustrados, tanto por falta de interesse dos professores em me orientar, quanto também pela baixa disponibilidade de pesquisas nas quais eu poderia ser incluído. Contentei-me, então, em tentar produzir vídeos etnográficos, o que não foi menos difícil, levando em consideração que não dispunha de recursos tecnológicos e financeiros para realizar esses vídeos na época.

No mesmo ano, conheci um professor novato, tanto na UFPI como no Piauí. Lembro-me de termos sido apresentados no departamento de Ciências Sociais da minha universidade. Eu possuía um texto em mãos, uma “proposta de projeto de pesquisa” que um outro professor havia me pedido. Este professor, após tecer alguns comentários sobre o texto e informar a impossibilidade de me orientar, por estar envolvido com outros projetos, sugeriu que um segundo colega, que também se encontrava no departamento, comentasse meu texto. Este, repetiu o procedimento do primeiro, acenou negativamente para mim e, sem indicar alguém que me pudesse orientar, foi embora. Meu texto passou de mão em mão até chegar ao professor novato, o qual me deu um retorno positivo. Começamos, então, a trabalhar em um projeto de iniciação científica.

A primeira resposta não foi favorável à uma iniciação científica com bolsa, o que já era razoavelmente esperado, devido aos critérios da época, que não contemplavam professores no início de carreira. A última possibilidade era uma iniciação científica voluntária, o que não vingou.

Minha pesquisa com o bumba-boi foi interrompida mais à frente, devido a problemas de saúde e financeiros que pediam uma maior atenção e cautela de minha família e sobretudo

¹⁶ A “roladeira” é um estilo de toada onde se prioriza o improvisado, e até o duelo entre cantadores de boi. É um estilo bastante peculiar, pouco conhecido e difundido tanto em Caxias quanto no restante do Estado do Maranhão.

frente a um contexto político indiferente que se instaurava em Caxias. Apesar da falta de sucesso da minha iniciação científica, continuei a investir no meu trabalho sobre o bumba-boi: realizei entrevistas, produzi vídeos e registrei letras de toadas. Ainda assim, a frustração por razão da brincadeira do boi não ocorrer naquele ano me levou a abandonar de vez esse projeto.

Foi com o pensamento fixo no boi e nas Ciências Sociais que procurei o bar do seu Tônico. Havia ido sozinho e me preparava para jogar uma partida de sinuca, enquanto tomava uma cerveja, entre oito e dez horas da noite. Um homem interrompeu, então, a minha concentração no aumento brusco de uma aposta em uma mesa próxima, dizendo: “eu matei um vagabundo”. Ele estava do meu lado, conversamos poucos momentos nesse dia; era um cliente conhecido do bar do seu Tônico e uma figura conhecida no bairro. Eu demorei um certo tempo até começar a dar atenção suficiente para a história que ele começava a me narrar. Encontrava-me, inclusive, não muito disposto a ter uma conversa. Ao mesmo tempo, eu estava convicto de que tinha que encontrar um outro objeto de estudo na mesma cidade.

Moisés¹⁷ contou-me que estava em um posto de gasolina da capital São Luís a trabalho, quando foi ferido em uma tentativa de assalto. Após a recuperação, retornou para se vingar. Segundo ele, o homem que o feriu já o estava *sacando*¹⁸ antes de abordá-lo e esperou o momento certo para isso. Narrou-me esta passagem com muita riqueza de detalhes¹⁹, demonstrando minuciosamente por que razão o seu vitimador agira com inteligência, em relação a horário, lugar etc. Após esperar um determinado tempo, para recuperar-se das feridas e também para fazer com que seu agressor tivesse a sensação de que ele havia desistido de qualquer vingança, Moisés, um tempo depois, contrariando as expectativas da vítima, vingou-se, matando-o. Apesar de toda a sua prudência, ele foi a julgamento, sendo absolvido por ser *trabalhador* e ter residência fixa. Nunca me esqueci que, nessa justificativa, ao afirmar “*ser trabalhador*”, Moisés evidenciou bastante entusiasmo.

As categorias *trabalhador* e *vagabundo*, presentes e em conflito na narrativa de Moisés, ocuparam-me por algum tempo, primeiramente porque eu ousava compreender como esse sujeito se permitia cometer crimes (no caso, matar um “vagabundo”) e não se reprovar moralmente, como também via-me instigado pela mobilidade do termo *vagabundo*, que

¹⁷ Nome fictício.

¹⁸ Sacando: observando com algum interesse escuso.

¹⁹ Geralmente, quando alguém narra um crime desse tipo, coloca bastante ênfase no número de facadas ou de tiros que desferiu para tombar um desafeto. Os números são um recurso narrativo.

muitas vezes mostrou-se ser muito fluido, pois qualquer um poderia sê-lo ou evocá-lo ocasionalmente, na sua relação com mulheres, em jogos etc. Contudo, quando Moisés discutia acerca da sua indisposição com essa categoria, a situava no campo da vida ordinária, citando o nome de pessoas que nós dois conhecíamos e que talvez não se identificassem com o termo.

O tempo que me dediquei à análise dessas categorias revela muito a meu respeito também, principalmente a respeito da minha imaturidade em pesquisa de campo, principalmente no que se refere à forma como eu operei as minhas primeiras categorias nativas, acreditando-as como formas inexoráveis de distinção de pessoas. Fry (1982) já apontava para a falência das categorias frente às experiências, o que pode se tornar mais problemático quando se discute, como no meu caso, duas categorias fortemente morais. Mais do que controle de experiência, essas categorias permitem uma circulação de status e alimentam conflitos. Em paralelo com Fry, Emile Durkheim e Marcel Mauss (2005) trazem para esse texto um outro sentido acerca dessas categorias. Fry me leva a priorizar a experiência e a relação experiência e categoria, enquanto os outros autores me remetem a tentar enxergar o porquê de essas categorias configurarem, no contexto da pesquisa, um quadro lógico de associação exterior à consciência individual.

Inspirando-me em Michel Foucault (2013), faz-se pertinente enxergar a “proveniência” dessas categorias. Para isso, farei uma breve pausa no desenvolver dessa etnografia e abrirei um espaço para discutir como determinadas categorias locais obedecem a critérios históricos anteriores à sua eminência na minha pesquisa e ganham força e lógica durante o século XX. Essa explanação se faz necessária para situar o leitor acerca da forma como estou concebendo determinados marcadores sociais da diferença e para que, em seguida, eu possa articulá-las no campo da vida vivida, da experiência e da “prática etnográfica”.

A dicotomia *trabalhador/vagabundo* possui um grande alcance na esfera da vida cotidiana, o que a torna um labirinto conceitual bastante falho, no qual me perdi, como dito antes. Entretanto, o que me interessa, nesse momento, é pensar como os valores burgueses associados ao trabalho acumulam sentidos sobre marcadores sociais da diferença e como revelam características de uma etnografia translocal, desde que ela esteja “suponiendo realmente que el objeto de estudio sea la formación cultural producida en diferentes localidades, y no necesariamente las condiciones de un grupo particular de sujetos” (George Marcus 1995:113). Marcus também traz algumas dicas de como se construir etnografias multilocais, como seguir objetos e conflitos, e ressalta a importância de um método

comparativo para esse feito. Sobre a relação entre masculinidades, trabalho e capitalismo, Mirian Grossi (2004:16) destaca:

É com o advento da Revolução Industrial que se consolida, no século XIX, essa separação que seria a política e o trabalho associados ao plano masculino, em oposição ao complementar, que aqui seria o lar, o doméstico, coisas do feminino. A gente sabe que este modelo que vai localizar o homem na rua e a mulher dentro de casa é algo que só vai servir a uma classe social, a burguesia.

Isto nunca aconteceu e só existe como modelo ideal para as classes trabalhadoras, porque o século industrial é o século onde mulheres e crianças das classes trabalhadoras trabalham até 16 horas por dia nas fábricas, nas minas – elas até dormiam nas fábricas –, e uma das grandes conquistas do movimento sindical é a redução do tempo de trabalho para 40 horas semanais, que hoje na Europa, por exemplo, já são 35 horas. Então o processo que a gente vai ver é um modelo burguês, que mostra que o homem é um homem de posses, quando a mulher não precisa trabalhar, e o homem que é o provedor, que tem dinheiro etc.

Foucault (2013) diz que a medicina social se desenvolveu com o intuito de modificar e controlar corpos para o trabalho, para um maior aproveitamento econômico dos mesmos. Os suplícios também são colocados pelo autor como amalgamados em uma teia de relação que ele denomina como “economia política do corpo” (Foucault 2011). É nessa relação trabalho-corpo que ganham destaque os corpos não produtivos, ou desperdiçados, sobre os quais a violência não é abominável. Quando Moisés lançava injúrias sobre quem ele considerava “vagabundo”, havia uma grande coincidência, que hoje me ocupa: todos os assim categorizados eram negros e pobres. Claro que alguns cometiam alguns roubos, porém, entre todos os “criminosos” e “possíveis criminosos”, o seu sentimento de raiva era construído por referência a “criminosos” negros e pobres. E aqui surge também a figura do “maconheiro”.

Muitas vezes, a associação entre a maconha, o crime e o sujeito apareciam de forma quase unitária. Sobre a maconha, também vale observar que, hoje em dia, os seus usuários pobres do bairro também sofrem algum tipo de discriminação e se destacam dos usuários de cocaína. Na época da minha conversa com Moisés, a cocaína ainda não era popular na cidade e no bairro, ao contrário de hoje. Interessante notar que os usuários pobres de maconha também sofrem discriminação pelos usuários de cocaína, droga que é mais comum entre jovens de classe mais alta. Assim, a relação entre *trabalhador* e *vagabundo* é nada mais que uma das formas de se falar de relações de raça, gênero e classe, no meu campo de pesquisa.

Para Bourdieu (1972), cada visita a campo é transformadora e reflexiva. As conclusões que apresento aqui são do momento em que escrevo, não do momento em que pesquisei. Por bastante tempo, ignorei os dados que aqui apresento, entretanto hoje percebo que, na verdade,

não possuía maturidade teórica e sensível o suficiente para pô-los em interação com a minha etnografia. Mais uma vez trazendo Bourdieu para essa discussão, concordo com o autor quando este afirma que a observação participante é uma observação de si, do sujeito investigador, ou melhor, de uma objetivação de si, levando em consideração os fatores que tornaram possíveis a ocorrência da pesquisa também, mas sem afastar a importância do ponto de vista do etnólogo, que, para o autor, é algo imprescindível para uma objetividade científica. Entretanto, existem diversos meios de se levar em consideração este ponto de vista do pesquisador tão envolvido e formado por interesses políticos diversos.

Primeiramente, trazendo à tona mais uma vez as categorias nativas iniciais dessa pesquisa (*trabalhador, vagabundo*), acredito que um dos motivos, o principal, para considerá-las inoperantes um pouco mais à frente, tenha sido consequência da minha formação em Ciências Sociais em um ambiente matematicamente racionalista, o que também é consequência da minha pouca segurança teórica. Eu acreditava que essas categorias realmente organizavam relações entre grupos de pessoas, mas, antes disso, a narrativa de Moisés naquela situação, me fez experimentar o meu primeiro deslocamento existencial (Wright 2005). No entanto, cometi um equívoco, ao tentar impor a lógica da narrativa de Moisés a um contexto espacial, no caso, um bairro.

Acredito que as experiências não-verbais, fortemente emocionais e subjetivas, permeiem qualquer realidade de pesquisa. Favret-Saada (2005) traduz os modos como experiências sem representações oferecem perspectivas de análises sociológicas. Acreditar na “verdade”, ou melhor, vivê-la, oferece sempre uma perspectiva de análise, porém, é uma perspectiva que só é possível com um exercício de desconstrução de si ou, como indica Bourdieu (1974), de autoconhecimento. Não entrarei na discussão entre conhecer-se e destruir-se, mas acredito que vale a pena ressaltar que entre Favret-Saada e Bourdieu existe uma enorme distância, chamada “representação”, uma experiência sensível que se aproxima do que é proposto por Wright (2005) como “deslocamento existencial”.

A concepção do último sobre esse conceito articula-se com uma noção de espaço e é a partir da relação homem e espaço que ocorre o seu primeiro deslocamento: para ele, o espaço é fluido e não há lugares sem sentidos ou sem ação. A sensação de estar deslocado espacialmente traz ao ser do antropólogo descobertas de si. O deslocamento espacial é uma das formas de se viver uma experiência não-representável.

Foi justamente pela narrativa de violência de Moisés, no contexto em que me via na necessidade de ser um etnógrafo, que eu coloquei meu corpo aberto aos afetos de se fazer

campo. O segundo deslocamento existencial pelo qual passei, este agora menos existencial do que espacial, ocorreu quando comecei a ouvir e conviver mais com os homens que Moisés considerava vagabundos.

3. SÓ LADRÃO

3.1 Encontrando os sujeitos

No momento em que idealizei a necessidade de realizar uma pesquisa em antropologia, comecei a dedicar-me mais ao conjunto das interações entre os “vagabundos”. Em decorrência disso, sofri algumas retaliações por parte de outros moradores do bairro por ser condenável que alguém “perdesse seu tempo com aquele tipo de gente”; outros comentavam que talvez eu teria me tornado um dependente químico; ou que eu pudesse ter “ficado doido” etc.

Acompanhava esses sujeitos nas festas do bairro, ou ainda sentava à noite para conversar durante muito tempo. Procurei demonstrar estar sempre disponível para qualquer conversação; nada se mostrou difícil pois se tratavam de homens que eu já conhecia, mas um evento em especial ganha destaque aqui: uma festa no bairro, quando o time de futebol local ganhou um campeonato municipal, pois traz uma configuração bem interessante para pensar a interação entre os grupos de homens até então distintos para mim.

Quatro rapazes — dois desses interlocutores dessa pesquisa, sendo que um deles na época ainda não havia sido preso — aproveitavam a festa de longe, distantes. Um dos outros dois rapazes que também estava distante, mencionou que foi agredido por um policial ali

mesmo, “sem ter feito nada”. Nesse momento, todos do grupo se retiravam para fumar maconha, afastando-se dos outros homens do lugar. Enquanto todos fumavam, a conversa de que travavam versava sobre cadeia. Recordo que também comentavam sobre quanto o preço da maconha subia dentro das grades, entre outros assuntos que não consegui salvar. Após terminarem o cigarro, alguns voltaram para a festa e outros foram embora.

Para Gluckman (1987), a análise de uma situação social consiste no estudo detalhado do comportamento de um grupo em um determinado evento em comparação com outro comportamento apresentado pelo grupo ou alguns de seus membros em outros eventos, de forma que se consiga chegar a sistemas de relações condizentes com a estrutura de uma sociedade, seus atores e o meio físico. O autor acredita que o comportamento nessas situações é orientado por normas sociais específicas e relações de distanciamento e aproximação, assim, seu estudo assume uma forma de se conceber a estrutura de uma sociedade.

Na ocasião, a maioria dos rapazes mostrava-se tímida, conservando-se distantes dos outros homens, antes e depois de terem fumado um cigarro de maconha. Durante o consumo da droga, algumas nuances me chamavam a atenção: a narrativa de um dos rapazes sobre a violência que sofrera acompanhado pelo silêncio e a falta de interesse na história demonstrada pelos demais (o que configura-se como um guia de conduta nessa situação), como também os machucados que ele mostrava pelo corpo. Esse episódio, somado à uma entrevista que já havia realizado sobre a vida em uma penitenciária, serviram para definir o que eu vim chamar depois de campo.

No dia seguinte a esse evento, um parente meu que estava na festa, importunou-me com várias especulações, por eu ter passado muito tempo na festa com aquele grupo de rapazes e os ter acompanhado enquanto eles fumavam maconha, sugestionando que eu estava fumando também. Para ele, o que agravava o suposto uso da maconha naquele grupo, eram as companhias e a circunstância de “todo o bairro ter visto”. Proferindo algumas injúrias, me dizia que “os meninos estavam todos falando de ti” etc.

Nesse momento, descobri que o sujeito-etnógrafo malinowskiano, como coloca Wright (2005), em uma perspectiva dual, histórica e física, de acordo com o contexto da pesquisa, oferece determinadas invasões por parte do campo, como o autor coloca com relação ao desenvolvimento da antropologia na América Latina. Ao mesmo tempo em que esse sujeito oferece o corpo como recurso para experimentação, ele não controla as relações que se desenvolvem em campo. No meu caso, jamais imaginaria na época, que eu poderia ser constrangido dentro de casa por um parente como consequência do meu trabalho de campo

ou, mais precisamente, como a violência destinada àqueles rapazes com os quais andei encontraria uma brecha para me atingir em maior ou menor grau.

Como já dito antes, a maconha e o roubo são concebidos quase que de forma unitária. A relação *trabalhador* e *vagabundo* perde sua expressividade nas narrativas e no poder de coalizão entre os homens que eram denominados inicialmente como *vagabundos*. Não que estes não conheçam essa lógica, ou não saibam operá-las sabiamente, mas essa relação não carrega o mesmo cunho emocional no seu discurso, isso quando aparece. Essas categorias contrastantes são recursos de *status* e violência e dificilmente são utilizadas sem uma menção a legitimar um corpo feito para ser abatido, como o do ladrão.

Entre todas as práticas que podem ser denominadas criminosas, o roubo tem mais destaque. O ladrão ocupa uma posição privilegiada, pois o roubo é uma das práticas criminosas mais facilmente estabilizadas em termos de status pessoal. O uso do termo status aqui é relativizado, pois pode variar de acordo com o contexto das interações, podendo ser status enquanto o sujeito remete ao roubo potências próprias, ou mesmo quando o usa para convencer-se frente a alguns, ou um estigma na complexidade das sociabilidades de um bairro cheio de *trabalhadores* e *vagabundos*.

Alba Zaluar (1985) coloca que a relação entre trabalhadores e bandidos em uma favela do Rio de Janeiro é mediada pelo conflito existente entre a ética do trabalho e um *ethos* masculino envolvido com o mundo da rua, e valores masculinos ligados à não subordinação de um homem a outro. O trabalhador é responsável por prover o lar que dá ao mesmo satisfação moral e material. Já o bandido foge dessa regra, não a aceita, ligando-a também à escravidão e à falência do trabalhador que se permite ser mandado. Porém, destaco que o ladrão²¹ além de violar e vencer o trabalho e a relação trabalho-recompensa que é promovida no campo do Estado, também viola uma regra moral, emocional e econômica consagrada pelo trabalho de Marcel Mauss (1974), a gramática da troca. O ladrão, ou melhor o *ser ladrão*, tem consciência de o ser, assim como os outros tomam consciência dele enquanto *vagabundo*, ao contrário do *trabalhador*, que não poderia considerar afrontas de ser tido como assassino, ou mesmo de ser chamado de “vagabundo”. Em suma, o roubo constrói um sujeito; em contrapartida, um assassinato justificável dentro da lógica da honra masculina não constrói

²¹ Como ladrão estou entendendo quem pratica roubo; o termo roubo aqui não diz respeito ao mesmo termo presente na Constituição Brasileira, estou considerando-o como um termo nativo.

um sujeito, mas o afirma. Uma vez que o assassinato, principalmente por honra, envolve uma troca, enquanto que o roubo, a viola.

Porém, a classe de quem rouba exerce efeito sobre as considerações gerais consequentes do crime. O termo *vagabundo* recai geralmente e com mais facilidade sobre homens de classes mais baixas. Assinalo aqui que os tipos de roubos são diferentes de acordo com as classes dos sujeitos.

Gluckman (1987) na sua análise sobre o comportamento da comunidade Zulu no que nomeou de “análise situacional”, menciona a tensão existente entre os interesses de diferentes grupos sobre a formação da personalidade de um indivíduo e sobre seu comportamento em determinados eventos. A possibilidade de influência de diversos interesses, por vezes conflitantes, sobre um indivíduo é denominada “interseccionalidade”. Essa categoria, hoje em dia, entrelaça academia e política, envolve processos de construção de sujeitos e reivindicação de políticas públicas. Muito desse debate recente se deve à abordagem realizada por feministas negras norte-americanas como: Kimberlé Crenshaw, Angela Davis, Barbara Smith e Chirlane MacCray, como observa a antropóloga Laura Moutinho (2014). Segundo a autora, embora a abordagem interseccional possua uma trajetória bastante complexa na academia e na política, a interseccionalidade apresenta um caráter fortemente feminista e antirracista. A também antropóloga Adriana Piscitelli (2008) vem somar a essa discussão, afirmando que diversos marcadores sociais da diferença articulam-se e abrem margens diferentes de *Agency*.

Faz-se importante ressaltar que a articulação de determinados marcadores como classe, gênero e raça permitiu que eu ocupasse essa posição em campo. Bourdieu (1972) menciona a importância de se ter conhecimento dessas possibilidades socialmente determinadas que delineiam o campo para se garantir um maior conhecimento do ponto de vista do autor e assim alcançar a sua objetivação. Defendo que a relação subjetiva que o pesquisador cria com o seu objeto é frutífera não somente para o Eu pesquisador, pois essa relação, aliada à consciência do fazer etnográfico, bem desenhada por Bourdieu, garante uma margem flexível para se pensar as relações que se visa apreender em um campo não meramente físico.

Nesse contexto que iniciei oficialmente minha pesquisa de campo, ou melhor, descobri um campo. Os atropelos iniciais revelam uma característica marcante da forma como a antropologia me foi ensinada na época; uma relação entre um sujeito etnográfico malinoswkiano e uma viagem de conhecimento, que revelam a estrutura de relação colonialista na qual se desenvolveu essa disciplina durante seu início, onde também na qual o

texto etnográfico sempre aludia a um lugar-espço distante, revelando relações de poder entre metrópoles e periferias, como coloca Wright (2005). Outro fator importante é de como a posição que tomei em campo afetou o desenvolver da minha pesquisa; ou seja, o fato de deixar-me, mesmo sem controle ou vontade, ser afetado pelo campo. Utilizando o corpo como um dispositivo emocional como instrui Favret-Saada (2005). Essa postura em campo colocada pela autora, entretanto, não exclui a sugestão de Marcio Goldman (2006) sobre o fundador da observação participante, Malinowski, acerca de deixar o nativo em liberdade, segundo a qual aceito como sendo em grande parte epistemológica, participando assim do seu jogo.

Considero o evento que abre esse texto, o encontro com Moisés, como o mito fundador da minha trajetória enquanto estudante de antropologia. E, mesmo que as categorias que ele articulava não fizessem o mesmo sentido entre os homens que escolhi como meus sujeitos de pesquisa, acabaram por romper o meu universo de investigação inicial e inauguraram em mim uma nova preocupação acadêmica, um novo cabedal teórico, outra forma de me relacionar comigo e com o campo, e assumir o caráter descontínuo dos discursos, ao mesmo tempo, levando sempre em consideração seu caráter histórico e político. Por mais que essa dupla faceta da minha pesquisa antropológica possa parecer conflitante ou interseccional, me permite uma margem consideravelmente ampla para poder observar e viver a forma como os homens se apoderam de si, do mundo, e dessas categorias historicamente construídas enquanto simultaneamente desenvolvem sua vida e exercem suas sensibilidades. E assim, encerrei um curto período de *obsessão*.

3.1.1 Zezim Tattoo: o primeiro

Zezim tem cerca de vinte e oito anos, morou nove anos em Caxias e depois em Brasília, onde ficou preso cerca de cinco anos por furto. Segundo ele, sua trajetória como ladrão teve início com um grupo que frequentava:

Rapaz, eu conheci eles através de um colega meu assim de rua, sabe, eu via aquele movimento dos caras tudinho assim e eu fui me enturmando não sabe? Aí na hora do baseadinho, não sei o quê, aí, “vamo fumar? Vamo”, fumamo um, aí começam a trocar aquelas ideias, não sabe? Aí me perguntaram: “tinha coragem de roubar não?” Rapa, nunca roubei não assim a mão armada, nunca roubei não, agora roubar assim um biscoito, um negócio no comércio eu já roubei, agora assaltar mesmo eu nunca assaltei não, ai o cara pegou e me chamou.

Foi preso duas vezes por roubo: na primeira, ficou um ano e meio detido, e na segunda, quatro anos e oito meses. Ao chegar no bairro para morar com a irmã recebeu muita resistência dos outros moradores em aceitá-lo, posto que já conheciam sua história em Brasília. Apesar de conseguir trabalhar como lavador de carros e até mesmo de não ter se envolvido em mais nenhum roubo, Zezim chegou a ser expulso de casa, indo morar no cemitério do bairro; todas as suas posses se reduziam à uma mochila, uma escova de dentes, duas camisas e uma bermuda. Posses, que no momento em que realizei essa entrevista, já haviam sido roubadas.

Era comum que as pessoas do bairro informassem para se tomar cuidado com ele, pois era ladrão, apesar de ele sempre se mostrar a todos com muita gentileza. Por ser bastante conhecido, todos os roubos que ocorriam nas casas, os moradores ligavam à sua pessoa. Certa vez, um vizinho, ao chegar embriagado em casa, encontrou-o sentado em uma praça muito frequentada na madrugada por consumidores de drogas. A cena seguinte acordou boa parte da vizinhança: o homem embriagado começou a espancá-lo, enquanto Zezim não fazia nada, só perguntava o porquê do que estava acontecendo. Outros homens que acompanhavam o vizinho bêbado tentavam tirá-lo de cima de Zezim, que, enquanto levantava-se do chão, era ameaçado por eles, que chamavam-no de vagabundo, afirmando que o matariam, caso ele não se mantivesse longe ou se o pegassem usando drogas na praça novamente. As juras porém, não perduraram, encerraram junto com a briga.

Outra situação marcante que também ocorreu com Zezim deu-se dias antes da nossa primeira entrevista, quando ele havia pedido a motocicleta de uma amiga emprestada para sair com uma moça. Na saída, rodando a cidade atrás de “boca de fumo” aberta, a gasolina da moto acabou. Sem dinheiro para repor o combustível, e por estar muito tarde, dormiu na casa de um conhecido. Neste intervalo a dona da moto já havia acionado a polícia, Zezim foi preso no momento em que estava devolvendo a moto para a dona. A única coisa que tinham contra ele naquele momento era o fato de ele já ter sido preso como ladrão. Zezim passou mais tempo preso em Brasília, contando oito anos no total; segundo ele, por assalto à mão armada; tem hoje mais de trinta anos

3.1.2 Marco Play: o empolgado²²

Marco Play foi preso uma vez, por participar de uma série de assaltos a mão armada durante uma noite em Caxias com mais três amigos. O “Play” que segue seu nome é apelido, sendo este um termo que indica um tipo de homem que pertence a uma determinada classe, que aprecia roupas de marca, carros do ano, bebidas caras etc. Assim como também representa um tipo de homem que ousa ostentar, que é o caso de Marco, que, desempregado, aos vinte e quatro anos, mora com a mãe que também não tem renda fixa e sobrevive de alguns serviços avulsos.

Conheço-o desde criança, desde novo se envolvia em pequenos furtos, principalmente dentro de casa. Era comum que ocorresse alguma briga familiar por que sua mãe havia descoberto que ele tinha roubado dela alguma coisa. O termo “play” portanto, faz-se contraditório à real situação financeira de Marco, sendo utilizado inicialmente como um deboche, um meio de atacar seu comportamento não convincente, quanto à sua classe. Marco Play foi preso por assalto. Segundo ele, “rapaz, a gente tinha fumado uma maconha doida, muito doida, ‘pensar que não’ eu tava preso (risos)”.

3.1.3 Francisco: o assassino

Foi o único que entrevistei enquanto estava detido. Proveniente da zona rural, estava preso por assassinato e, apesar de ter me contado somente sobre um assassinato, na verdade já havia matado três pessoas. O motivo do crime, segundo Francisco, foi por ter pego um homem roubando um gado seu, e, por ser muito jovem, perdera a cabeça, acabando por executar o sujeito. No momento da entrevista, alegara que jamais faria isso novamente, pois no momento, a juventude lhe fizera seguir à risca a sua raiva. Já tinha mais de quarenta anos quando me cedeu seu depoimento.

²² É um termo nativo que diz respeito a alguém que se esforça para construir determinada imagem, alguém dedicado a “ser” algo. Ao mesmo tempo, denuncia uma fraqueza política e uma facilidade de ser manipulado. Ser “empolgado” está ligado a “empolgar”. “Empolgar” alguém implica uma série de elogios e encorajamento sobre algo e isso é bastante utilizado em cadeias para levar presos novatos a cometerem determinados crimes, ou mesmo para assumir crimes de terceiros. Dirige-se geralmente sobre esses presos novatos termos como “Esse aqui é malandrão”, “Esse aqui é sinistro, é maluco doido” etc. Quando se apresenta o novato para alguém, porém, esse apreço acaba cobrando, ao longo do processo de empolgação, que o preso que esteja sendo “empolgado” cumpra com a imagem que construíram para ele, e aja em prol das vontades de terceiros. Esse processo não se aplica somente a presos novatos, ou mesmo a presos, e não surge de maneira inconsciente; quem “empolga” tem plena consciência do que faz, e nem todos que estejam sendo empolgados enxergam assim.

3.1.4 Diogo: pelos erros da vida

De todos, Diogo é o único que residia em Teresina. Havia sido preso por assalto junto com alguns menores de idade; a razão do assalto foi justificada por uma dependência química que o acompanha desde cedo. Pelo que fui informado, a sua família havia “falido” tentando diversos tratamentos, no dia do seu crime Diogo teve uma recaída, ficando preso posteriormente por mais de um mês. Conheci-o por meio de sua companheira, uma vizinha muito próxima que intermediou nosso contato e, após isso, expôs a ele a minha intenção em conversar a respeito da sua experiência nas cadeias do Piauí. Possui cerca de trinta anos e alega ter sido preso por um erro vida, um episódio acidental.

3.1.5 Pedro: o homem do bem que nunca foi bandido

De todos os homens com quem trabalhei nessa pesquisa, Pedro foi o único que cumpriu pena no *seguro*. Não chegamos a conversar sobre o seu crime, mas me foi revelado por outros que ele foi preso por uma briga que teve com sua companheira. Em meio a essa confusão, ele havia arrancado à mordidas uma orelha sua. Sobre ter ficado preso no *seguro*, ele diz que isso ocorreu por que muitas pessoas ligadas à instituição carcerária conheciam a ele e à sua mãe, e por isso sabiam que não era um homem “mau”, um “bandido”, “marginal”. Pois, ainda segundo Pedro, tratava-se somente um homem de bem que havia “caído por um vacilo”.

3.1.6 Pedrão

Sobre a origem do seu nome, conta que antes de se chamar Pedrão, era chamado de Márcio, senhor Márcio, como ele mesmo disse. A mudança de nome ocorreu em uma época em que morou em Belém, e “senhor Márcio” era o nome pelo qual os clientes de um bordel em que ele trabalhava o tratavam. Entre esses clientes, segundo descreve, havia um homem bastante alto e forte, que sempre chegava tarde, e só gostava de ser atendido por Pedrão, pois tinha se afeiçoado a ele. E, por considerar que Márcio não era um nome bom para um homem de um porte como o dele, sugeriu que Márcio deveria se chamar Pedrão, levando o mesmo nome de quem fez a proposta. A partir desse dia, Márcio tornou-se Pedrão, homenageando seu amigo paraense.

Pedrão ficou preso entre 2007 e 2009. Mais precisamente, ficou detido por dois anos e dez meses em um pavilhão feminino em Timon, um lugar que possuía tanto pavilhões masculinos quanto femininos. O motivo que o levou a ser preso não me foi informado, sequer chegamos a tocar no assunto. Em uma de suas primeiras reflexões sobre a cadeia, ele resumiu a vida em privação de liberdade em duas palavras: troca e disciplina.

3.2 A cadeia

Um cordão com roupas dependuradas corta tangencialmente a cena, ao centro, vários homens presos em uma cela pouco iluminada, o barulho que eles fazem, no momento, é ininteligível. A imagem se aproxima da cela, o que permite enxergar melhor o rosto de um detento que diz: essa cadeia tá é cheia rapaz, essa cadeia tá é cheia, tem mais de cem presos rapaz! Eu quero é promotor, e juiz, e direitos humanos (ao pronunciar pela segunda vez a exigência dos direitos humanos, o cinegrafista aproximou a câmera da cabeça de um homem pendurada ostensivamente na frente da cela, amarrada ao teto por um cordão branco). Vocês transferem os caras lá pra São Luís pra morrer na mão dos caras lá rapaz, pra morrer na mão dos cara da capital, pra morrer rapaz, mas nós não morre não por que nós somos é guerreiro porra, vocês falaram que iam fazer um presídio aqui em Pinheiro fizeram foi porra nenhuma, vocês mandam é o cara lá pro caralho de merda pra ver se o cara morre, eu quero é o promotor, o juiz e os direitos humanos, senão vai morrer, vai morrer, isso aqui é uma cabeça caralho, isso aqui é uma cabeça buceta (fazendo gestos rápidos com o punhal apontando para a cabeça dependurada). Outro detento, que tem o rosto coberto por uma camisa preta, levanta a cabeça decepada com a mão e a joga contra a cela, gritando: é bom demais, é bom demais matar gente caralho! Hu! Hu! Se não vier rápido tem mais um pra morrer, mais um não, mais três. O primeiro interlocutor o interrompe tomando a cena para si novamente e diz: vai morrer é dez.

Os presos exigem a presença das autoridades e ameaçam arrancar outra cabeça em meia hora e ressaltam que a justiça está falhando, pois há ali presos que não estavam recebendo a sentença e acabam por se referir aos delegados e promotores como corruptos. Durante toda a cena, três homens estão imprensados contra as grades da cela, visivelmente consternados e silenciosos. Percebe-se desde o início que eles estão sendo colocados como reféns e subentende-se que os três foram condenados por crimes sexuais. Para reforçar a urgência com que os presos rebelados queriam suas reclamações atendidas, vários homens começaram a perfurar os reféns com punhais pelas costas e a agredí-los; o foco da câmera e a

escuridão do interior da cela não permitem que se enxergue essa agressão com detalhes. Os reféns desesperados suplicam: dá maconha pros caras, dá maconha pros caras (posteriormente, se ouve gritos, insultos, exigência dos promotores, juízes e direitos humanos, e de maconha, e o uso ostensivo da primeira cabeça arrancada; um homem a levanta e a encosta nos ferros da grade, permitindo que se enxergue o rosto do que outrora foi conhecido como o “monstro do Maranhão”. Ao abrir o olho esquerdo da cabeça dependurada, um dos homens diz “ olha aí, ele tá olhando pra vocês” o que provoca gargalhada nos outros presos, após isso, complementa “vai estuprar a filha dos outros miserave, vai, vagabundo...você sabem quem é esse aqui? É o monstro do Maranhão. E assim encerra a primeira parte do vídeo.

O segundo momento da filmagem tem início com dois homens empurrados contra a cela falando “dá a maconha pros caras, rapaz. Dá a maconha pros caras aí, rapaz”; nisso, um dos homens, que aparece no vídeo de camisa verde, estende os braços para fora da cela e abre as mãos em um sinal de clamor, o de camisa branca, conclui: “bota maconha depois nós conversa”. Um dos porta vozes da rebelião, o preso que se destacou até o momento por ser mediador das exigências dos detentos durante as negociações, retoma a atenção para si ao dizer: “Bota um celular com crédito pra nós, bota um celular com crédito pra gente comunicar à nossa família, senão vai morrer um e é esse bem aqui ó, que vai morrer, tem cinco minutos”. Ele finaliza dando socos no refém de camisa azul que estendia os braços e abria as mãos pedindo maconha para os outros. Após alguns minutos, o vídeo corta as imagens da rebelião, focando em um helicóptero sobrevoando o que se supõe ser o céu de Pinheiro pela manhã. Logo em seguida, um grupo de policiais aparece conversando calmamente. Uma voz anuncia a quantidade de mortos: três, identificando Agostinho (monstro do Maranhão) e Sandrinho, a voz reclama da tragédia que é a rebelião para a segurança pública do Maranhão, considerando-a a maior rebelião que já aconteceu numa delegacia do interior do Estado. Em seguida, um homem não identificado na gravação (mas entende-se que ele trabalhava nas negociações), informa que uma juíza tentou iniciar uma conversa, “pensando que estava se dando com pessoas civilizadas”, o vídeo corta para a imagem do olho no chão que os detentos lançaram conta a juíza, coberto por formigas e um pouco de sangue. Momentos depois, um juiz leu a reivindicação dos presos para a imprensa:

Reivindicação

Queremos uma causa justa sobre os nossos direitos e também essa delegacia faz uma péssima administração, por que ela abusa da autoridade, por que na primeira vez foi feito e

nada cumprido, só ameaças que ela nos faz, acaba assim. Queremos um juiz corregedor e a imprensa ciente de tudo, queremos uma melhora e que todos tenham direito adquirido e que possa dar direito a quem tem. Tem muitos presos que já têm direito de sair e a justiça fica prendendo para se tornar um inferno, a situação de muitos que vivem assim nesse submundo. Essa mulher, se já tivesse entregado esse cargo, nada disso estaria acontecendo, será que o espelho não tem na casa de vocês? Que desde que essa mulher entrou tudo só piorou, agora que rolou só desgraça, toda a comunidade pede que ela deixe esse cargo, queremos reivindicar nossos direitos de ser colocado uma televisão na cela e um ventilador; queremos nossos direitos constitucionais e que um papel assinado pela governadora de que nós não vamos ser espancados e tudo vai ser cumprido, mas se acaba com a imprensa, a presença do juiz corregedor, assistente social e os direitos humanos, quero tudo diante da imprensa, vamos cumprir, se tudo for feito com acordo paramos essa rebelião; queremos essas autoridades, que a superlotação tava fazendo com nós é uma injustiça muito grande, e as pessoas que têm direito e ainda estão presas, por que queremos explicação.

Comunidade

Quando o Juiz iniciou a leitura da reivindicação da rebelião, o câmara inicia as filmagens focando em duas cabeças que se encontravam empurradas contra a cela, só que, diferentemente do início, quando havia apenas uma cabeça amarrada no teto e dependurada, estas agora estavam no chão. A câmara filmou as cabeças juntas, após isso, focou em cada uma delas especificamente, depois no rosto dos presos rebelados, no rosto do refém, no Juiz e encerrou focando novamente nas cabeças sobre o chão.

Noticiou o Blog do Jornal Pequeno²³ no dia 11 de agosto de 2011:

A delegada Laura Barbosa afirmou que os presos mostraram três cabeças cortadas, que foram penduradas nas grades de uma cela. Um olho humano também foi jogado da grade para que a delegada e outros negociadores que estão no local vissem. A informação mais recente é de que quatro dos presos assassinados foram decapitados. A polícia acredita que todos os detentos mortos, até agora, nesta rebelião, sejam acusados de pedofilia. Doze que respondiam a este tipo de crime estavam numa cela isolada, que foi invadida. Os que não foram mortos estariam sendo feitos de reféns.

²³ Fonte: <http://jornalpequeno.com.br/2011/02/08/ao-menos-6-presos-sao-mortos-em-rebeliao-em-pinheiro/>

A soma total foi de seis mortos, quatro foram decapitados. Pinheiro é uma cidade do interior do Maranhão, e embora seja distante de Caxias, a rebelião em questão ganhou bastante projeção na época, inclusive se encontrava com muita facilidade no mercado de DVD's falsificados as filmagens das cenas de tortura e mortes ocorridas durante a rebelião. Inclusive hoje, enquanto escrevo, cinco anos após a tragédia, qualquer busca por esse material em mercados do tipo, é bem sucedida.



Figura 2 – Localização do município de Pinheiro em relação ao mapa do Estado do Maranhão e localização do Maranhão no Brasil.

Distante a 1960 km do município de Pinheiro, o Complexo Penitenciário de Pedrinhas, registrou casos semelhantes de decapitação e morte, chegando a contabilizar mais de sessenta mortes no período de um ano. A projeção nacional por meio da mídia foi instantânea, como se observa no início de uma matéria sobre as piores prisões do Brasil, publicada pela BBC²⁴:

O complexo de Pedrinhas, no Maranhão, - que atraiu a atenção do país após registrar quase 60 mortes e uma série de rebeliões em 2013 - não é o único presídio com graves problemas no Brasil. A pedido da BBC Brasil, magistrados, promotores, ativistas e agentes penitenciários identificaram outras cinco prisões pelo país nas quais a superlotação, a violência, as violações de direitos humanos e o domínio de facções criminosas criam um cenário de caos.

O caráter introdutório com que a situação prisional de Pedrinhas é tratada na narrativa acima mostra o impacto nacional das violências registradas nesse presídio, devido sobretudo,

²⁴ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140115_seis_prisoas_lk

às referências simbólicas com que essas violências são constituídas e apreendidas. Uma matéria da Vice²⁵ de setembro de 2014 traz no título “Síria está a uma decapitação de virar o Maranhão”. Um pequeno trecho da matéria diz:

O Estado Islâmico cortou ontem a cabeça de mais um jornalista americano na Síria. Com a execução, o grupo iguala o número de decapitações do presídio de Cascavel, no Paraná, além de ficar a apenas uma cabeça de distância do governo do Maranhão, onde três internos do presídio de Pedrinhas tiveram suas cabeças decepadas e outros 65 foram mortos de maneiras igualmente brutais durante todo o ano de 2013. Só nos primeiros seis meses deste ano, outros 17 presos perderam a vida nas celas do Estado – 12 deles em Pedrinhas.

A matéria segue com uma entrevista com o professor Reginaldo Nasser, embora se aceite que as duas situações não tenham muito em comum (Maranhão-Síria), o professor destaca que há aproximações interessantes em ambos os casos, segundo Nasser:

Não é tudo igual, mas também não se pode dizer que não tenha nada a ver. Nos dois casos, são práticas de terror. São mortes que só têm valor se podem ser comunicadas amplamente, mandando um recado político e forçando de alguma maneira uma negociação.

Sobre o massacre no presídio Anísio de Jobim, em Manaus que fez 56 mortos, uma matéria da Veja de três de janeiro de 2017 traz no título “Estado perdeu controle dos presídios, dizem especialistas”.

De acordo com Fernando Salla (2006) a nova tendência das rebeliões prisionais brasileiras que surge em 1990 e atinge o seu clímax com a revolta de 2001, impõe limitações às duas abordagens que até então vinham sendo utilizadas no contexto de rebeliões nas prisões: uma que as explica como forma de protesto e inconformismo contra situações adversas as quais a população carcerária é colocada pelo Estado e outra que as caracteriza juntamente com outros movimentos de contestação e protestos fora das prisões, como consequência de um afrouxamento dos instrumentos de controle da ordem.

O autor sugere ainda que, no Brasil, as rebeliões podem ser classificadas em três períodos; o primeiro, compreendendo a história das prisões no Brasil até o início dos anos 80, as rebeliões nesse intervalo são caracterizadas por serem reações às condições de maus-tratos com as quais a população carcerária era tratada; o segundo período, que se inicia nos anos 80 e tem como baliza o Massacre do Carandiru no ano de 1992, é marcado por políticas de

²⁵ http://www.vice.com/pt_br/read/a-siria-esta-a-uma-decapitacao-de-virar-o-maranhao

humanização dos presídios consequentes da democratização do país no encerramento do regime militar e pela grande resistência por parte das administrações prisionais e policiais; o terceiro período, situa-se a partir do Massacre do Carandiru e se estende até hoje, caracterizando-se pela falta de capacidade do Estado em gerir o sistema prisional e impedir a atuação de grupos criminosos.

Neste último, há proeminência de um tipo específico de rebelião; em geral, movimentos de contestação motivados pela precariedade das condições as quais se submetem os encarcerados e encarceradas. Sobre esse novo tipo de rebelião que se assinala após o Massacre do Carandiru, o autor escreve que:

A disputa pelo controle sobre a massa carcerária bem como o controle sobre as atividades ilegais dentro das prisões, as reivindicações destinadas a proteger os membros e principalmente as lideranças desses grupos são aspectos cada vez mais presentes nas rebeliões. Boa parte da vida carcerária nas prisões brasileiras é controlada pelos próprios presos, como, por exemplo, as celas em que irão habitar os recém-chegados, que tarefas realizarão ali, nos pavilhões ou mesmo em oficinas de trabalho. São as lideranças que escolhem muitas vezes os presos que irão trabalhar nesta ou naquela oficina, na cozinha, na lavanderia e assim por diante. É fácil imaginar que esse controle sobre espaços e atividades gera a imposição de todo tipo de constrangimento aos presos como, por exemplo: contribuições financeiras, doação de alimentos, colaboração com as atividades ilegais dentro e fora da prisão, envolvendo muitas vezes os próprios familiares dos presos. (SALLA: 293)

Características desse tipo de rebelião mais recente descrito pelo autor são facilmente reconhecíveis nas ocorridas no presídio de Pedrinhas e no presídio Anísio Jobim, mas não ocorrem da mesma forma na rebelião de Pinheiro, pois não configurar-se como um confronto entre grupos organizados por território e influência. Embora não apareça escrito na reivindicação formal escrita pelos rebelados, uma das principais motivações foi a transferência de presos para o presídio de Pedrinhas e seus riscos para os “presos do interior²⁶”. Em Caxias, dois interlocutores, Pedro e Marco Play²⁷, falaram a respeito deste ponto. Segundo Pedro:

Os caras não gostam mesmo não, os caras não gostam não de preso do interior, é por que lá tem duas facções, aí os cara vão daqui pra lá, aí lá eles chamam de neutro, dizem que são os neutro, aí os neutro são os primeiro que morrem quando tem essas coisas. É só tu reparar, antigamente tinha até uma facção lá só de caxienses, os anjos da noite²⁸ foi até DanniBoy que fundou.

²⁶ Uso esse termo para englobar mais de uma cidade específica na qual a falta de empatia de presos de Pedrinhas é denunciada por presos.

²⁷ Suas biografias serão mais exploradas a seguir.

²⁸ Nome a facção é substituído para garantir o sigilo das informações.

Um trecho da entrevista com Marco Play nos revelou o seguinte:

MP- Em Pedrinhas tão matando é os caxienses, ainda bem que minha carteira (RG) eu tirei foi lá (São Luís).

P- Estão matando caxienses, porquê?

MP- Tão matando porra, ninguém gosta de caxiense não.

P – Aonde?

MP- Lá em Pedrinhas.

P – Por que não gostam de Caxienses?

MP – Porque tem raiva porra dos caras aqui de Caxias.

P – Por que diabo?

MP – Eu sei lá o que esses miseráveis tem.

P – Mataram muitos?

MP- O Danni Boy.

P – Esse é um cara que matou um no Inhamum?

MP – O Danni Boy que tu tá falando? Ele não morreu ainda não.

P- Mas tá em Pedrinhas né?

MP- Tá em Pedrinhas, penitenciária lá eles deceparam o braço dele, tá sem braço ele.

P- Foi mesmo? Porque?

MP – Por que é a treta dele na cadeia pow, brigando com ladrão dentro da cadeia, não dá certo pow, por que cadeia o cara tem que ficar puxando o veneno dele é de boa, tá entendendo?

Os perigos sobre os presídios da capital são bem presentes nas perspectivas de Pedro e Marco Play, porém, não são inexoráveis. Em outras ocasiões facilmente alguém dizia que Caxias teria muito respeito entre os presos em Pedrinhas. A figura de DanniBoy²⁹, por exemplo, bastante presente nos dois relatos anteriores, contrasta, nessas conversas, entre a figura de alguém que conquistou um espaço determinado, como alguns dizem “O DanniBoy era tão ruim que assim que chegou na cela, os caras lá foram mexer com ele por que ele é baixinho e ele matou um só de chute”, e alguém que sofreu por não respeitar certas leis da cadeia; no caso, por não respeitar um jogo político bem claro que envolve pessoas, coisas e lugares e centros e periferias³⁰, como nos diz Marco Play.

É bastante interessante também se pensar as cadeias como espaços de morte, como diz Michael Taussig (1986), como um lugar de produção de consciência e significado, que por sua vez, encontra-se estreitamente emaranhado à vida cotidiana. Para o autor, a grande presença de práticas de tortura e o crescimento dos exércitos no mundo impõem a necessidade de se compreender o terror, inclusive para que essa compreensão alcance outras pessoas. Para ele, os efeitos de poder dos discursos devem ser importantes na elaboração de contra discursos, na construção de significados, ou como o autor coloca, na construção de um

²⁹Foi um conhecido bandido caxiense condenado pelos mais diversos crimes: estupro, assassinato, roubo etc.

³⁰Essas relações, serão devidamente esmiuçadas e discutidas no capítulo seguinte.

entendimento que permita subverter a lógica do terror; e ainda com a mesma verve, Michael Taussig (1986), aponta como imprescindível:

Contraoponer al eros y a la catarsis de la violencia com médios de índole mística semejantes es más que contraproducente. Pero ofrecer las explicaciones racionales convencionales de la tortura em general o en ésta o aquella situación específica es igualmente inútil. Pues tras el interés consciente que motiva el terror y la tortura, desde las esferas celestes de la búsqueda empresarial de utilidades y de la necesidad de controlar el trabajo hasta las ecuaciones más estrictas del interés personal, yacen formaciones culturales de significado – modos del sentimiento – intrincadamente elaboradas, atávicas, inconscientes, cuyo tejido social de convenciones y de imaginaria tácitas residen em um mundo simbólico y no en esa débil ficción “pré-kantiana” del mundo representada em el racionalismo o en el utilitarismo racionalista. Quizás aqui son imposibles las explicaciones, impertinentes las palabras y de ello hemos sido incomodamente conscientes. Aquí el entendimiento se mueve demasiado rápido o demasiado despacio, y se absorbe em la facticidad de los hechos más crudos, como los eléctrodos y el cuerpo mutilado, o en el laberinto enloquecedor del menos ficticio de todos los hechos: la experiencia de ser sometido a la tortura (1986: 32)

A perspectiva de Taussig é muito importante para se pensar as práticas de tortura e o que elas podem revelar sobre formas culturais mais específicas. Não estou retirando o potencial político desses assassinatos e a relação que eles constituem entre rebeldes e estado, mas sim, evidenciando relações específicas que determinam quem vai morrer e quem vai matar e que sujeitos estão sendo produzidos aqui. Não concordo em tratar esses assassinatos como somente resultados de litígios políticos e econômicos entre associações criminosas ou entre associações criminosas e o Estado. Existem relações complexas, como a existente entre “presos do interior” e os da capital, metrópole e periferia, como visto acima e também a articulação de marcadores da diferença como gênero, raça e classe, que são determinantes não somente no momento em que se tem acesso à justiça ou sobre determinados regimes de penalidades (Foucault 2011), mas compõe um princípio fundamental sobre o qual a vida carcerária se organiza.

Retorno agora à narrativa com a qual abri este capítulo, inspirado na perspectiva de Veenas Das (1999:36) quando afirma que: “no processo de sua articulação, às vezes de sua prática, a violência parece definir os contornos dentro dos quais ocorre a experiência de uma forma de vida enquanto forma de vida humana.” E chamo a atenção para uma questão muito imprescindível: a tortura e morte de estupradores nas prisões.

São muito recorrentes histórias sobre a forma como são punidos estupradores na cadeia, muito embora nunca tenha sido informado sobre nenhum episódio dessa natureza junto a meus destacados interlocutores, não se pode negar a forma e a frequência com que se é

narrada e propagada a prática desse tipo tortura. Uma descrição desse ritual bem recorrente em campo afirma que é habitual se vestir o estuprador de saia, colocar peruca, passar maquiagem, e, após isso, obriga-lo a dançar no meio da cela para todos os outros. Em seguida é estuprado consecutivamente por todos os presos e/ou com objetos diversos. Os mais citados são vassouras e garrafas de vidro.

Chamo a todo esse processo descrito na narrativa de *emasculação simbólica*, por ser uma prática violenta que delinea o lugar dos homens aceitos e o dos não-aceitos³¹. Um momento ritual em que a dor e a humilhação são acessadas a partir do feminino: o vestido, a maquiagem e a peruca são utilizados como atributos femininos e marcam um momento ritual do discurso, como sugerido por McClintock (2010) acerca da feminilização da terra e sua erótica da subjugação. O feminino, no contexto em que pesquisei, marca a entrada do sujeito num estado de despoder, subjugação, humilhação e morte. E isso é presente em toda a vida carcerária; tanto a feminilização da subjugação, ao se atribuir categorias como *empregada* a presos que são obrigados a trabalhar para os demais³², quanto sexualização da violência, como no caso da tortura de estupradores. Mais do que um discurso normatizador de certas violências nas prisões, é um discurso que produz efeitos entre os homens livres.

A sexualização dessa violência específica pode ser compreendida a partir do que Judith Butler (2007:127) trata por citacionalidade, ou seja, a “aquisição do ser através da citação do poder, uma citação que estabelece uma cumplicidade originária com o poder na formação do ‘eu’”. Uma violência que evoca e reproduz uma generificação de atores justapostos e de seus corpos nesse contexto, um ritual de produção de sujeitos, no qual masculino e feminino são colocados em posições específicas e têm acessos às diferentes possibilidades de sofrimento.

O estupro portanto, requer, discursivamente a feminilização da vítima; não pode ser uma prática de violência espontânea ou ensimesmada, revelando-se como imprescindível a todo o resto por ser um ritual originador dos que se sucedem. Destaco-o do estupro por uma precaução metodológica, pois no próprio discurso toda a violência é possível em dois momentos claros: um que se impõe através da performance e outro que visa a destruição deste corpo abjeto. Um ritual que, em seu conjunto, revela uma relação íntima entre gênero e violência.

³¹ Opto por colocar a divisão entre homens aceitos e não aceitos por o estupro não ser um crime tão excludente na vida carcerária quanto se acredita, mais afrente essa questão será tocada devidamente.

³² Veremos mais sobre isso no próximo capítulo.

Essa narrativa evidencia ainda um jogo íntimo entre a cadeia e a vida cotidiana, entre homens aceitos e não-aceitos, no qual, as diferenças entre *trabalhadores* e *vagabundos* é diluída à sombra de uma comunidade moral de homens que surge no momento em que se é vivido esse discurso. Assim, enquanto na cadeia formas de vida são substituídas por formas de morte, certos significados e sentidos são reafirmados violentamente³³, o que eu considero como um exercício de liminaridade, na compreensão de Capranzano (2005:381):

Sim, queremos dizer – tamanho é o *ethos* de nossa criatividade –, mas devemos reconhecer que o liminar também impõe constrangimentos. Ele não é sem estrutura, como Turner algumas vezes afirma, mas, como sustenta em outras, é antiestrutural, ou seja, conforme entendo, sempre está em relação com a estrutura do cotidiano. O liminar pode estimular a invenção, mas, ainda que pela negação, também afirma a tradição.

A falta de tradução que é construída no discurso sobre a cadeia, e a forma pela qual formas de vida são substituídas por formas de morte operam concomitantemente, de forma semelhante ao que Veenas Das (2002) escreveu sobre os eventos de 11 de setembro nos EUA. Essa falta de tradução enquanto mecanismo do poder está intimamente ligada ao sentido da diferença que é empregado para construir mundos bem distintos que são concebidos como consequência de um “espírito” determinado.

Ao discutir o processo de emasculação simbólica presente nas referências imaginativas sobre a cadeia, não levantei minhas inquietações a partir de especulações generalizadas, mas sim a partir do acompanhamento de discussões a respeito do fenômeno durante a minha pesquisa de campo, ao mesmo tempo em que eu mesmo as instigava. O acesso que tive ao vídeo da tragédia em Pinheiros ocorreu de forma acidental. Recordo que havia acabado de chegar a um churrasco acompanhando alguns amigos quando o anfitrião interrompeu o samba para colocar um dvd na televisão. Justamente o que continha as cenas narradas no início desse capítulo. Como se não bastasse a forma como as pessoas se divertiam com a tortura dos estupradores, o anfitrião ainda se permitiu imitar a fala de um refém que suplicava à polícia enquanto era esfaqueado “dá a maconha pros caras meu irmão, dá a maconha pros caras”. Entre outras coisas que pude notar, muitas pessoas que ali estavam presentes, ao narrar os episódios em questão, aumentavam sumariamente a quantidade de mortos e o terror do que tinha acontecido, elucubrando torturas e situações que não existiam no vídeo.

³³ Muitas questões relacionadas a esse ritual ainda estão abertas, assumo que muito ainda pode e deve ser discutido a respeito.

O sentido da diferença, ou melhor, a política da diferença dentro das cadeias em questão é marcada por produção de zonas de não tradução e outras clivagens, como a separação entre os *sujeitos-homens* e os *comédias*, que discutiremos a seguir. Ressalto que a relação entre essas categorias possui um fluxo bem específico, que delinea as relações entre os mundos dos homens nesses diferentes lugares. Dentre os homens com os quais trabalhei no desenvolvimento desse trabalho, somente um cumpriu sua pena permanentemente no seguro. Entretanto, o seu discurso é construído a partir do convívio.

O universo lógico no qual este sujeito constrói o seu discurso, permite acesso ao mundo dos *sujeitos-homem*, inclusive descrições minuciosas sobre as sociabilidades e a constituição de espaços determinados para presos hierarquizados pela passagem do tempo, que cheguei a ter acesso devido a ele, quando o indaguei sobre como havia construído conhecimento sobre essas coisas, me relatou que os outros presos conversavam sobre isso. Informações sobre o universo simbólico dos *comédias* nunca me foi acessível entrevistando qualquer um que tenha cumprido pena entre os *sujeitos-homens*. Essa relação, embora resumida a essas poucas palavras aqui, muito também tem a dizer sobre as dimensões da vida carcerária.

3.2.1 Sujeito-homem e comédia

Na cadeia, quase todos são tratados por “ladrão”. Zezim chama de “cadeeiro” quem, segundo ele, já “puxou cadeia”. Apesar de “cadeeiro” ser um termo generalizador, o espaço prisional envolve muitas categorias que articulam formas diferentes de ação e de experimentar a própria cadeia. As primeiras destacadas aqui são: *sujeito-homem* e *comédia*.

O *sujeito-homem* é um termo atribuído inicialmente a um recém-ingresso à vida na cadeia. É muito comum os sujeitos dizerem que se tem que “provar” ser *sujeito-homem*, ou mostrar ser. A primeira provação para merecer esse atributo está no artigo pelo qual se caiu. Assim, precisa-se cair cometendo crime de homem, de *sujeito-homem*. Entre os indivíduos assim designados, estão aqueles que roubaram, mataram, assaltaram etc.

Contudo, essa concepção do sujeito homem não se encerra somente no autor e sua prática, mas envolve também o outro; principalmente no que diz respeito a quem mata. Matar é uma atitude de *sujeito-homem*, desde que a vítima seja homem. Caso contrário, não o é considerado. Sobre a dinâmica do assassinato enquanto construtor de homens diferentes, Zezim diz:

[...] só que é o seguinte: a cadeia tem lei. É que nem rua: na rua tem a lei e na cadeia também tem lei. Só que é o seguinte: se você caiu certo, se você for um homicídio, um latrocínio, um ladrão de banco, um assaltante, você é respeitado, tem quem te considere e tudo, mas agora se você for cagueta, ou pé de pano, que é homem que dá em cima da mulher dos outros, não, pow...Tipo assim, na rua, tu deu em cima da mulher do cara, na hora da visita, ela vai te conhecer: “olha, esse aqui deu em cima de mim”. Aí não fica no pátio não, fica no seguro, que é os falado, onde ficam só os cagueta, os cabrito, os estropador [...]

Francisco também mostrou uma justificativa para esse tratamento dos presos em relação aos que cometem crimes contra a mulher. Sua fala evidencia que, por não ter cometido um crime de *sujeito-homem*, estava em uma posição diferente:

É que eles ficam mais contra assim é quem mata mulher, quem estropa mulher, assim 157, é roubo, né? Eles não mexe não, homicídio também não mexe. O cara faz amizade na cela e vai tendo paciência. Algum quer estressar, mas nunca mexeram comigo não. Fiquei quatro anos e quatro mês lá dentro, aí vim aqui pra fora, passei dois ano aqui fora aqui. Eles respeitam aqui. [...] Porque isso é assim mesmo, toda cadeia é assim mesmo, eles não consideram mesmo não. Os preso não considera não. Pode ser aqui, pode ser em São Luís. [...] Quem mata mulher, quem estropa. Até por que a mulher tem a parte frágil, não é? Por exemplo, o cara matar a mulher, a mulher não tem defesa. Os cara não considera não.

O crime da queda³⁴, no primeiro momento, é um dos comprovadores de uma condição de *sujeito-homem*, marca uma inserção do homem em dois lugares diferentes de se viver a cadeia: o lugar dos *sujeitos-homem* e o lugar dos *comédias*. Aqui, a separação é feita seguindo critérios tanto de alguma administração institucional quanto da parte dos internados. A respeito disso, Marco Play fala que:

[...] Porque não dá, porra! Se o cara é caba home, sujeito home, tá entendendo, cara, não vai ficar no meio do comédia, tá entendendo? E os comédia, tem comédia lá que tu jura que não é Jack, porra. Lá dentro, ó, se tu ver os caras na hora que passa lá tudo, tu é doido, o cara olha assim. Tem um lá que tava até com a bíblia na mão pra não morrer. Presença mermo o cara, ó. E na hora que eles passam pro banho de sol, todo mundo fala “vai morrer desgraçado, vai morrer”, falando toda hora pro cara que vai morrer. É...pro Jack [...] Estrupador, batedor de mulher, é mal, passa mal lá dentro [...] Passa mal, passa mal [...] Pode ter o dinheiro que for. Né lugar de gente não, porra. A lei da sobrevivência é merma coisa do cara tá servindo o exército. Lá tem uns peso pro cara malhar lá dentro, porra, o cara malha pra tirar o stress [...] Os Jack fica, porra, lógico, todos sempre, até na hora do banho de sol, também tem que ir só a celinha deles lá pro banho de sol, senão passa o cerol.

Essa separação, portanto, faz-se necessária para que os que podem ser considerados *comédias* não corram risco de vida, uma vez que, por não serem enquadrados no mundo dos

³⁴ Queda é o momento em que se é preso.

sujeitos-homem e reconhecidos como tal, acabam vulneráveis às agressões dos homens aceitos. Contudo, essa classificação inicial não é o bastante para determinar toda a trajetória do sujeito dentro da realidade das celas, ficando estes vulneráveis a diversas situações nas quais as qualidades de *sujeito-homem* são frequentemente testadas.

No ambiente carcerário, as formas de identificação e auto-identificação estruturam-se a partir do crime, o que se fez e faz é o que se é, o crime é uma atitude de homem, quando não se age como homem fora do ambiente carcerário, não é considerado como um dentro dele.

Não ser homem em um ambiente masculinizado como o carcerário é correr riscos; por esta razão, esses homens reprovados geralmente são colocados em celas distintas, onde não chegam a ter nenhum contato com os demais. Dentre esses não-homens, destacam-se os estupradores, delatores e pedófilos. Embora o crime seja uma performance afirmante de um *sujeito-homem*, dentro da cela ele não é considerado como tal, oferecendo até mesmo sérios riscos para seu praticante:

Não, acontece isso não, os preso não aceita roubar os outro não, os preso não aceita. Eles são tudo gente boa, são tranquilo e tal às vezes a pessoa não tem uma coisa eles dão um sabonete pra gente, dá uma pasta, uma bermuda. É sempre uma irmandade na cela, um ajudando o outro, as vezes o cara chega num lugar não tem parente, aí dá uma bermuda, dá uma camisa. Dia-a-dia da cadeia né?

3.2.2 Fazer o quê se cadeia é pra homem?

Karina Biondi (2009) escreve sobre uma tentativa, por parte da direção do Primeiro Comando da Capital (PCC), de retirar homossexuais do *seguro* e integrá-los ao convívio. De início, os homossexuais ocupavam uma cela distinta no convívio. Com o tempo, eles foram distribuídos nas demais celas. A autora chama a atenção para o fato de que a orientação sexual estava deixando de ser determinante sobre o destino de algum preso (se iria para o convívio ou para o *seguro*), o que é justificado pelo fato de que muitos presos não consideravam a orientação sexual como fator determinante para se assimilar alguém ao convívio.

Não me atentarei aqui ao processo de inclusão dos homossexuais no convívio em cadeias chefiadas pelo PCC e suas consequências ou sobre relações sexuais entre homens e homossexualidade em cadeias masculinas. Contudo, não discordo da posição da autora sobre a orientação sexual não comprometer o status de *ladrão*. No contexto em que pesquiso, ser *sujeito-homem* surge como uma condição ligada ao agir e à não existência de um ser antes do feito que deva ser levado em consideração.

Acredito que se deve entender o gênero como um saber histórico a respeito das diferenças sociais para, assim, chegar a uma “boa maneira para se pensar sobre História, sobre os modos pelos quais hierarquias de diferença — inclusões e exclusões — foram constituídas” (Joan Wallach Scott 1988). Essas diferenças, não se tratando de representações de totalidades, são práticas discursivas, como sugerido por Stuart Hall (2003).

Butler (2003), numa reelaboração do método genealógico proposto por Foucault, discute a construção do gênero enquanto categorias performáticas, nas quais o ser é o agir. Apontando para o que a autora chama de “uma metafísica da substância” presente nos estudos de gênero, na qual as categorias masculino e feminino eram consideradas como universais ou frutos de um sexo naturalizado e pré-discursivo, colocando o gênero no campo da ação, ou melhor, da performance, Butler oferece uma importante contribuição para se pensar a relação entre gênero e “criminalidades”. Apesar desses esforços, essa aproximação já possui uma larga história no campo das Ciências Humanas e Naturais, que não será esmiuçada aqui, pois o intuito desse capítulo está mais alinhado à uma análise da relação entre a construção de um gênero (*sujeito-homem*) e as práticas rituais no contexto em questão (*cadeia*), do que uma abordagem macrossociológica e histórica sobre o tema.

Lia Zanotta Machado (1998, 2001), acerca dos crimes cometidos por homens em uma sociedade pacificada, destaca a influência de uma cultura mediterrânea de construção de masculinidades que são sintomáticas do falocentrismo de nossa sociedade brasileira. Dentro desta influência, o gênero masculino é construído de maneira a ser mediado pela honra e pelo desafio, o que explicaria o grande número de homens que praticam e sofrem a violência homicida no país.

É possível afirmar que o número exorbitante de homens nessa situação, se comparado ao número de mulheres, pode ser pensado melhor em termos de agência do que em termos psicanalíticos. Ortner (2007) dá uma grande contribuição acerca de como o feminino e o masculino são construídos em narrativas e contos — tratando-os como formações culturais que distribuem a agência de forma arbitrária — e de como a passagem da infância para a fase adulta é marcada, para as mulheres, por uma negação da agência e demonstração de passividade e, para os homens, por uma inclinação à agência.

Assim, concebo gênero como uma construção a partir do que escreveu Judith Butler (2007:116):

Pois se o gênero é construído, ele não é necessariamente construído por um "eu" ou um "nós" que se coloca antes daquela construção em qualquer sentido espacial ou temporal de "antes". De fato, não fica claro que possa haver um "eu" ou um "nós" que não tenha sido submetido, que não tenha sido sujeitado ao gênero, onde a generificação é construída, entre outras coisas, pelas relações diferenciadoras pelas quais os sujeitos falantes se transformam em ser. Submetido ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o "eu" não precede nem segue o processo dessa generificação, mas emerge apenas no interior das próprias relações de gênero e como a matriz dessas relações.

4. SOCIABILIDADES PERIGOSAS: O DIA A DIA NA CADEIA

Puxar um é um termo bastante utilizado quando se diz que vai fumar algo, como maconha. Refere-se especificamente ao processo do ato, e não à sua consequência. Quando se fuma, leva-se algo para dentro do corpo; algo que pode determinar uma mudança no curso da vida, como muitos sugerem. O veneno é alguma substância com poder de tirar a vida de alguém. Contudo, no contexto em questão, o veneno é também uma forma de se falar de

*drogas*³⁵. Comparar a experiência da cadeia com a experiência com drogas não é algo que devamos deixar passar sem um mínimo de cuidado ao comentar. Puxar o veneno faz sentido porque a experiência do cárcere com toda a sua violência é algo que atinge o interior: a mente, o espírito etc. De Foucault (1979) a Zezim Tatto, a experiência do cárcere é afirmada como uma violência contra a própria noção de si.

No início de minha pesquisa, eu acreditava que o processo de aceitação de alguém no mundo dos *sujeitos-homem* levava em consideração somente o crime que culminou em sua *queda* e o seu não envolvimento em qualquer delação. Porém, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, observei a emergência de um complexo quadro de relações determinantes do destino de um *corró*.³⁶

Foucault (2013:58) dá uma importante contribuição ao método histórico, afirmando com veemência que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhes eram estranhas”. Essa desconfiança da unidade proposta pelo autor leva o historiador a uma viagem pelo chamado “estado das forças” e seus jogos provenientes. Utilizando-me desse convite ao método genealógico foucaultiano, pensando na categoria *sujeito-homem*, permitir-me-ei descartar a relação cronológica antes-depois e pensar a principal terminologia nativa no atual contexto enquanto um conjunto de elementos determinados em relação e fluxo contínuo. Vale ressaltar também que todos os elementos citados encontram-se na pessoa. Assim, destaco os três elementos principais: *crime*, *linhagem* e *sistema nervoso*.

O elemento *crime* não será desenvolvido aqui por já ter sido discutido no capítulo anterior. As relações que o antecedem, como o fato de o detento pertencer a um bairro rival de outro que domina alguma cadeia, ou ter cometido algum crime contra alguém que esteja preso, ou mesmo ter alguma relação próxima com algum desafeto de algum outro detento, influenciam bastante o destino do seu autor. Isto é o que chamam de *linhagem*. Sobre isso, Diego me disse que “a coisa que mais mata na cadeia é o fuxico”. Para ele, o fuxico trata-se de não saber guardar certas informações, já que o simples fato de alguém descobrir que um novato é amigo de algum inimigo seu já se mostrava suficiente para justificar um assassinato.

³⁵ Estou utilizando essa categoria como um termo êmico

³⁶ Termo utilizado para designar um novato na cadeia.

O controle sobre informações que podem colocar a pessoa em situação de risco é um dos comportamentos mais recomendados nesse contexto.

A possibilidade de ser assassinado por um homem pelo simples fato de possuir alguma ligação com um desafeto deste, revela uma característica muito importante do que me foi dito sobre as cadeias: ser mais antigo garante ao detento um certo prestígio sobre os demais e um poder maior de reivindicar o auxílio da maioria em alguma vendeta. Ter o respeito desses presos mais antigos também é um atributo do que é considerado *linhagem*. Para reforçar essa assertiva, segue um relato que colhi sobre a importância das *linhagens* nesse primeiro momento de aceitação em um convívio:

MP- Não, vai dependendo do artigo que o cara cai, porra. Se o cara cair com estupro, o cara vai cair no seguro. Se o cara cair no 157, ele desce pra outro pavilhão. Talvez o cara tinha uma linhagem no meio dos cara, aí fica nos caras de boa, boa mermo. [...]

P- Por que ele não foi para o seguro?

Porque ele tinha contato dentro da cadeia porra, com os monitor, com os ladrão, tá entendendo? Aí, ele não foi pro meio que os ladrão e os monitor sabia que ele era caba home, tá entendendo? Aí, não jogaram ele no meio do seguro, ele teve sorte. Se ele morasse no seguro, ladrão não iria respeitar ele não, não ia puxar cadeia tranquilo. Ladrão no seguro não puxa cadeia tranquilo, porra. Agora os outros pode puxar pra quem sabe puxar cadeia, né? Tranquilo, puxa tranquilo, né?

Nessa passagem da entrevista que realizamos, Marco Play discutia o caso de um homem que, apesar de ter assassinado a esposa, havia conquistado um lugar no convívio, como ele mesmo ressalta, de forma bastante “tranquila”. Ele também comentou que o homem havia se tornado evangélico e que até conquistou determinado apreço dos outros presos por conseguir escrever, pois a maioria dos homens que puxavam o *veneno*³⁷ junto com ele não sabia escrever, e muitos não o conseguiam por, segundo o que foi dito, serem muito “nervosos”. O segundo fator que compõe o jogo de forças que apontam o destino dos homens no contexto de privação de liberdade é possuir *sistema nervoso*.

O *sistema nervoso* é uma característica que se apresenta geralmente entre a queda e o início da vida carcerária. Também pode ser apresentado de acordo com o crime que se cometeu. Um exemplo clássico é o do roubo a banco, considerado um tipo de crime que enseja um certo “preparo psicológico”. Acredita-se não poder ser praticado por qualquer um. O *sistema nervoso*, portanto, aponta justamente para a capacidade mental que os presos

³⁷ Puxar Cadeia; ficar preso por um tempo determinado.

atribuem à uma postura de *sujeito-homem* em momentos que eles julgam de grande risco e ameaça.

Quando se é preso, sofre-se diversos interrogatórios. Alguns tentam atribuir ao preso a culpa por outros crimes, outros tentam fazer com que ele entregue mais alguém. Esses interrogatórios formais e informais, em sua maioria, são acompanhados de agressões e humilhações. Alguns presos relatam que há homens que apanham até defecarem nas próprias roupas, tanto no momento em que são presos como também quando já se encontram no convívio.

Vencer os interrogatórios formais e informais compõe mais um dos artifícios necessários para ser considerado um *sujeito-homem*. Uma vitória que aponta para a capacidade de resistir à dor. O outro artifício aponta para a capacidade de causar dor, o crime. Não me adentrarei muito nas especificidades próprias de determinados crimes; me concentrarei em separar os crimes de homem — assassinato, latrocínio, roubo, sequestro etc. — dos de *comédias* — estupro, parricídio, infanticídio etc. Sobre os primeiros, ressalto que estes precisam ser direcionados às pessoas específicas, geralmente homens. Crimes cometidos contra pessoas mais velhas, familiares, mulheres e crianças não são bem aceitos pelos *sujeitos-homem*. Em ambos os casos, constroem-se valores relativos ao gênero a partir da ação. Contudo, não se tratam de leis inexoráveis, como foi demonstrado acima. Essa questão ainda se encontra em aberto, mas demonstra ser um material muito rico para a análise compreender como os três elementos constituintes de um *sujeito-homem* operam e interagem entre si para livrar alguém da condição de *comédia*.

As *linhagens*, o *sistema nervoso* e o *crime* são três fatores imprescindíveis no processo de aceitação de alguém no convívio. Não obstante, quero chamar atenção para uma categoria nativa que apresenta um certo contraste em si, o *alma sebosa*. Esse é um termo que não existe somente dentro das relações que compõem a vida na situação de privação de liberdade. O *alma sebosa* é um homem que faz de tudo, tanto mata quanto estupra e é considerado pelos outros como um homem realmente ruim, em termos espirituais. Trata-se de um limite entre os *sujeitos-homem* e os *comédias*, mas, em vez de carregar o estigma dos últimos, constrói um tipo de status entre os primeiros. A experiência dos *almas sebosas* acaba por esconder grandes contradições da própria estrutura e por conseguinte, revela a instabilidade do termo *sujeito-homem*.

O processo de construção de identidades nunca é algo pronto; pelo contrário, trata-se de um processo ininterrupto de construção. A falta de totalidade essencial nos leva a pensar esse processo, como sugerido por Hall (2003), dentro do seu contexto político e nos seus mecanismos de produção e reprodução, suas práticas de exclusão e de construção do eu e nos seus efeitos de diferença. No contexto em questão, as diferenças entre *sujeito-homem* e *comédia* surgem a partir de uma concepção acerca de um gênero, ou melhor, de valores ligados a ele. Contudo, o termo *comédia* não designa um gênero distinto ou algo que possa ser tratado como identidade; trata-se mais de uma despersonalização, como visto no capítulo anterior, a respeito da emasculação simbólica. Em um sentido prático, os *comédias* são aqueles que não devem ser aceitos em hipótese alguma. Homens aos quais são destinados todos os rituais de tortura e morte. Uso o termo “rituais de tortura e morte” inspirado no que Goffman (2011) indica a respeito dos rituais: um conjunto de atos que simbolizam o respeito que o ator se dá e concebe à plateia.

Dessa forma, a presença de algum *comédia* entre os *sujeitos-homem* oferece certos perigos para ele, embora o contrário não se dê da mesma forma. Não encontrei qualquer relato de um *sujeito-homem* ter sofrido da parte dos *comédias* algum tipo de violência física por passar certo período de tempo no *seguro*. Porém, os próprios homens que compõem o convívio não aceitam que alguém considerado como um igual divida o mesmo ambiente com os *comédias*.

De acordo com o que me foi relatado por um interlocutor de pesquisa, houve uma ocasião em que um assaltante de banco foi posto no *seguro*. O critério que a administração utilizou para tal “classificação” foi baseado no fato de que o mesmo havia sido muito violento com mulheres durante o assalto. Durante a noite, todos os presos do convívio realizaram o que denominam como “rebelião de barulho”. Esse tipo de rebelião consiste em bater nas grades da cela e gritar para ter algum pedido aceito pelos supervisores. A exigência da rebelião era que o assaltante de banco fosse levado para o convívio, para “puxar o seu veneno” ente os outros. Marco Play informou-me que isso era necessário, pois, “se o cara é *sujeito-home*, siow, o que diabo ele vai fazer no meio dos *comédia*? Não pode não. Tu é doido? *Comédia* não puxa cadeia tranquilo não.”

Pode-se dizer que as categorias *sujeito-homem* e *comédia* são as que movimentam o fluxo da vida no contexto em questão. Porém, não podem ser consideradas como representativas de um presídio ou casa de detenção como um todo. Apesar de somente um dos

meus interlocutores ter cumprido toda a sua pena em um *seguro* (Pedro), há uma falha de reconhecimento, pois os excluídos na construção de um ideal de *sujeito-homem* não se identificam enquanto *comédia*. Quando uso essa identificação, estou colocando todo o sentido lógico entre ser homem e não ser, e, mais do que isso, há um silenciamento por parte desse interlocutor ao tratar da violência que os outros reservam para os homens do seguro.

Segundo Pedro, o motivo de ter sido posto no seguro foi por não ser “ruim”, não ser um “marginal” como os outros e “todo mundo” saber disso. Ainda segundo o que me foi dito, ele havia sido preso por agredir sua companheira, apesar de não me falar a respeito de seu crime diretamente. Percebi enquanto o entrevistava uma não reprodução da lógica dos *sujeitos-homem* e uma falta de apelo ao recurso discursivo de “ser homem”, uma relação menos ostensiva e confortável com a violência da cadeia.

Apesar dessas categorias não comporem o discurso desse interlocutor, o fluxo de sua vida no contexto de privação de liberdade obedeceu às mesmas, pois é na relação de produção de diferenças e práticas discursivas entre essas categorias que a vida na cadeia se movimenta e se reparte. As categorias nativas *sujeito-homem* e *comédia* são próprias dos *sujeitos-homem*, acionadas quase concomitantemente e configuram o mundo desses homens.

Ao falar em “mundo”, não o aponto enquanto totalidade, mas sim enquanto representação consequente de contato, como assinala Wagner (2010). Não afirmo que essas representações surgem enquanto contato pesquisador-nativo somente, mas sim que perpassam diversas relações de influência. Trata-se também de uma maneira de afirmar que a vida na cadeia é “diferente”.

A cadeia e suas pessoas são construídas discursivamente e essa invenção discursiva é o que permite o fluxo da vida no contexto de privação de liberdade. Anthony Seeger *et al.* (1979) fazem uma crítica muito pertinente a esse trabalho, quando propõem que a etnologia sul-americana necessita de uma reelaboração da categoria de pessoa, apontando uma influência dos estudos africanistas sobre ela e configurando uma tradição na qual essa categoria apresenta-se como um reflexo de ordem mais fundamental, tais como as linhagens e os grupos, que constituem relações de parentesco e propriedade.

A liberdade de algumas etnias sul-americanas, sugerida pelos autores a respeito de sua fluidez grupal e seus componentes simbólicos, dificulta qualquer apelo explicativo fundamentado nas questões propostas acima. No caso das cadeias aqui estudadas, o sistema de

linhagem é constituído momentaneamente. No instante do cárcere, por exemplo, a intenção de considerar alguém por uma *linhagem* é o que permite que esta exista, e não o contrário.

Foucault (1993) aproxima, a partir das tecnologias do eu, as verdades que o sujeito constrói sobre si e a manipulação que os outros exercem sobre ele. Afirma que essas tecnologias apresentam três propriedades: dominação, significação e produção. Colocando-as no patamar dos rituais cotidianos, mostra-se altamente pertinente pensar como um status de *sujeito-homem* é construído, mantido e ameaçado no desenvolver de interações no dia-a-dia da *cadeia*.

4.1 A maioria

Adalton Marques (2010), ao analisar o depoimento de Marcola à uma Comissão Parlamentar de Inquéritos, denominada CPI das armas, assinala a importância do PCC como uma reação às injustiças cometidas pelo Estado contra os presidiários, assim como uma reação contra a forma violenta pela qual se construíam as relações entre os próprios detentos. Por meio do depoimento de Marcola, o autor aponta que, antes do surgimento dessa organização, eram muito recorrentes estupros e mortes dentro das celas. Para o autor, o “comando” da facção funciona a partir da lógica de um “proceder” peculiar às penitenciárias e não impõe a conduta dos presos, mas, diferente disto, como assinalou Marques, é o “comando” que é sustentado pelo sistema, configurado pelas relações entre os presidiários.

Marcola é bastante preciso ao esclarecer que as decisões não são tomadas e difundidas, mas sim que as opiniões são difundidas e discutidas. Isso ocorre após a falência do sistema piramidal que regia o PCC, refundado sob os esforços das lideranças em trabalhar para que nenhum tipo de chefia ou comando volte a emergir nessa organização, para que se impossibilite a reincidência da existência de um líder (Marques 2010).

A CPI para a qual Marcola prestou depoimento ocorreu momentos após uma série de atentados que ocorreram na Região Metropolitana de São Paulo contra policiais, agentes penitenciários, bombeiros etc. Uma onda de rebeliões também assomou-se em alguns presídios e toda essa onda de ataques ficou conhecida na ocasião como “ataques do PCC”. Estes configuravam-se como uma resposta da facção contra a transferência de alguns líderes para o RDD³⁸. A impossibilidade de se chegar a um líder por trás dos atentados, aponta para a

³⁸ Regime Disciplinado Diferencial.

inaplicabilidade de se pensar as relações entre ladrões a partir dos sistemas inteligíveis para membros da CPI que colhiam o depoimento de Marcola. Entretanto, como o próprio Marcola disse, “após a falência do sistema piramidal que configurava o PCC, todo mundo conquistara uma parte no poder, e tudo era resolvido a partir do consenso” (Marques 2010).

Essa ausência de um líder apontado como mentor ou responsável pelos ataques e a relação entre grupo (PCC) e sistema (relação entre detentos), desenhada por Marques (2010) e também colocada por Biondi (2009), destacam uma característica das relações compreendidas em algumas prisões que ultrapassam as realidades estudadas por ambos. Enquanto o estupro carcerário foi banido dentro das instituições prisionais chefiadas pelo PCC após o seu surgimento, posso apontar que, em instituições espalhadas entre Caxias, Teresina e Brasília, pelas quais os homens que entrevistei passaram, o estupro é banido pela lei da maioria. É possível afirmar que a maioria diz respeito a determinados valores compartilhados entre detentos. Ela não suspende a existência de lideranças. Pelo contrário: presos com mais experiência no “veneno” sempre acabam conquistando certo prestígio por compreender e repassar as leis da cadeia. Presos que conseguem vender ou colocar drogas dentro da cadeia ou mesmo líderes de gangue também podem conseguir certo status.

É válido observar também que as posições destacadas que alguns podem conquistar dentro da cadeia não podem ser compreendidas somente no campo de relações entre os presos. São posições conquistadas com o auxílio de fatores e relações externas ao cárcere. Mesmo que se alcance determinada posição, ninguém pode ir de encontro às leis da maioria, não sendo permitido, por exemplo, *caguetar*, *dar em cima da mulher dos outros*, roubar um ladrão ou matar um companheiro de cela. Os dois primeiros crimes tendem a ser menos perdoáveis. Sobre os últimos, pode-se considerar algumas exceções, quando são crimes praticados pela maioria ou quando são praticados contra algum *comédia*.

[...] Mas só que não é certo não. Se um cara matar um cara lá dentro, ele não é respeitado...Assim, vamos supor, o cara mata um cara lá dentro. Aí, ele é transferido pra outra cela. Os caras não te aceitam na mesma cela não. O cara fica assim meio com medo, todo mundo não, por que a cadeia é assim, quem comanda é a maioria. Cadeia é o seguinte: se você for errado e neguim quiser te cobrar, você não pode nem reagir, porque, se você reagir, a cadeia todinha cai pra cima de ti.

Os crimes praticados pela maioria tipificam a vítima como um *comédia*, desvalidando um status de *sujeito-homem* que é pressuposto para que a vítima continue puxando o seu veneno no convívio, abrindo então passagem para o lugar destinado aos *comédias*, chamado

de seguro. Este é o lugar destinado para os homens que nunca conseguiram ser aceitos no convívio ou que foram expulsos dele pela maioria. Biondi (2009) e Marques (2010) também apontam para essa separação em cadeias chefiadas pelo PCC, a qual constrói homens e lugares distintos.

4.2 O início

Enquanto o *corró* ainda está no corredor, indo em direção a sua cela, os outros gritam diversas ameaças contra ele, como: “Vai morrer! Bota ele aqui! Vai sangrar!”. Isso ocorre antes desse detento ir para o convívio, uma vez que é procedimento da administração carcerária colocar um *corró* na área do seguro, onde ficam os *comédias*, até que ele se sinta confiante o suficiente para compartilhar do convívio. É necessário lembrar também que fica a critério do *corró* tanto a escolha por ter parte no convívio, quanto a escolha da cela em que ele pretende cumprir a sua pena. Após passar por esse período no seguro, que os presos chamam de “triagem”, dá-se início à construção de um *sujeito-homem*.

Tem que tirar a chinela, entrar descalço e pedir licença pro ladrão: - “Com licença ai rapaziada”. Porque se você chegar de peito a dentro e não tirar a chinela, já é motivo de te atropelarem, te bater, sabe? É a lei dele, assim é a lei da cadeia. É grave. Ai foi o seguinte, cheguei o cara abriu meu papel, ai o cara disse é ladrão e tal. Ai eu disse: - Eu posso dormir aqui? - Na praia. Praia é o chão que você dorme não tem? Quando você chega não tem gega pra você dormir não não tem? ai você dorme no chão, com o tempo, aí vai saindo um ou dois, aí você dorme numa gega. Gega é a cama que a pessoa dorme (...) é porque lá tem muita grave porra, o cara assim ir no banheiro que o cara lá chama é o boi, você for no banheiro e não pedir licença pro ladrão, eles vão querer te quebrar na porrada (...). O cara fica assim meio com medo. Todo mundo não, porque a cadeia é assim, quem comanda é a maioria. Cadeia é o seguinte se você for errado e neguim quiser te cobrar, você não pode nem reagir, porque se você reagir a cadeia todinha cai pra cima de ti. (Zezim).

Ao chegar na cela, também é recorrente que o novato receba todo tipo de pedido. Os pedidos são direcionados a seus bens: joias, bermudas, cigarros, camisas etc. Cabe a ele saber até quando ceder e o momento certo de parar. Não é indicado que não se permita dar nada; porém, não se deve dar muitas coisas. Na via oposta, os presos recebem os novatos oferecendo. Aqui a oferta é de dois tipos: uma oferece os bens essenciais, tais como baldes, cama, lenços e outros imprescindíveis ao conforto do preso na cadeia; a outra oferece cigarro, maconha, crack etc. Cabe ao preso também saber aceitar até o momento certo, para que não deva demais aos outros presos. Quando o débito é muito grande, ele corre o risco de ser

obrigado a assumir crimes que não cometeu, aumentando assim sua pena, ou ainda pode “virar uma *empregada*”.

Contudo, além das experiências possíveis de tornar-se *empregada* ou *boneca*, existem ainda outras categorias nativas. Assim, entre os *sujeitos-homem* existem duas grandes possibilidades de ser: ladrão e bandido. O ladrão é considerado fraco; são os homens presos por roubarem coisas pequenas. O bandido é o homem envolvido em grandes roubos, assassinato ou latrocínio. Por não ser somente um estuprador, não é enquadrado entre os *comédias*, e acaba ocupando um lugar destacado entre os *sujeitos-homem*. Muitos sujeitos de pesquisa que tiveram sua primeira experiência com a privação de liberdade recentemente, relataram que é mais indicado se cumprir pena ao lado de bandido do que de ladrões, pois, segundo eles, os ladrões não têm moral, não têm “esquema”, ao contrário dos bandidos, que possuem um grande status entre os homens em situação de privação de liberdade.

Ameaças posteriores também são comuns, assim como provocações físicas. Essas ameaças são consideradas por muitos como testes, que, por sua vez, exigem o domínio ritual de quem sofre a ameaça ou a provocação, pois tornam-se perigosos caso o alvo não imponha um limite que a maioria reconheça. Não posso resumir esses testes somente à uma conduta passiva frente às ameaças verbais, uma vez que eles se prolongam por todo o dia, não só em forma de ameaças, como também em forma de dádivas (Mauss 1974). Oferecer serviços é recorrente entre presos novatos, assim como pedir é algo comum entre presos antigos.

Tem um teste. O cara faz um teste no cara, meio assim, eles puxam uma brincadeira, uma brincadeira pesada contigo pra ver se você vai achar ruim, se você vai pra cima dele, pra eles poder te pegar e te quebrar. Você tem que levar na brincadeira, ai se você achar ruim e querer brigar, não tem? Como ele é mais velho lá, a cadeia cai pra cima de ti, porque ele é mais velho e tem mais respeito, não tem? O cara tem que ficar ligado nessas coisas aí. Não, o cara não pode dar uma de mole não, porque, se dá uma de mole assim, os caras montam em cima de ti, faz o cara de otário, bota o cara pra lavar roupa, fazer um monte de coisa assim, tá ligado?(Zezim Tatto)

O relato acima diz sobre o risco de “ser mole”, ou seja, sobre o risco de ficar vulnerável demais à maioria. Saber agir e falar está também bastante relacionado à capacidade do homem de cumprir as leis da cadeia. Além de temer a maioria, é necessário também saber lançar-se contra ela, para garantir o seu respeito. Existe um limite para a dádiva que é aceita e um limite para a dádiva que é oferecida, pois a coisa dada possui um espírito (Mauss 1974). Todos os homens com quem conversei relatam o perigo que se esconde por trás das trocas, principalmente no início da vida carcerária, pois a troca não é realizada entre homens, mas

entre um homem e a maioria. O preso novato encontra-se reduzido somente a este limite. Caso ele não possua uma linhagem, só lhe cabem duas possibilidades: conquistá-la ou seguir para o seguro.

Esses testes, segundo Marco Play, são necessários para se dizer se um homem tem ou não *sistema nervoso*. Isso diz sobre a capacidade do homem conseguir responder a ameaças. Um homem com *sistema nervoso* deve saber, como disse Marco Play, falar e agir.

Falar e agir em relação aos outros, comportar-se e conseguir que acreditem no papel que o preso está desempenhando, ao mesmo tempo em que enfrenta as investidas da maioria, que visam que o novato se torne uma *boneca* ou *empregada*. As investidas podem ocorrer de duas formas possíveis, diferenciadas pelos seus meios. A primeira age a partir do discurso, do enfrentamento verbal. Os presos mais antigos tentam coagir o novato para que este desempenhe as tarefas domésticas à força ou provocam-no para desafiar seu limite de autocontrole frente à irritabilidade estimulada. A segunda forma age a partir das “coisas”.

O jogo ritual de dádivas e provocações envolve fronteiras perigosas e um consenso. O não cumprimento dos roteiros pode trazer certos riscos para os atores envolvidos, tal como Anne MacClintock (2010) observou sobre o BDSM. No contexto que estudo, o fluxo de aceitação de novatos pressupõe um consenso e, mais do que isso, um limite. Durante os testes criam-se as expectativas sobre as partes vitimadas. Cabendo à vítima, então, saber responder no momento certo às investidas da maioria. A imposição de um limite por parte de um *corró* inaugura a sua entrada no mundo dos *sujeitos-homem*.

Mais do que um duelo, encontra-se aqui uma dramatização sobre a capacidade de agência de um homem que precisa enfrentar a maioria, de forma que não desrespeite suas leis, no momento certo. Quando muito antes, ele pode ser desconsiderado do mundo dos *sujeitos-homem* por se *arrebabar*³⁹ e, quando muito depois, já pode ter perdido a chance de ser considerado um *sujeito-homem*, tendo que aceitar servir a todos os detentos sem reclamar, geralmente dedicando-se a serviços de limpeza de celas e roupas.

³⁹ Ficar irritado com algo

4.3 Ser sujeito-homem: o jogo dos espaços, dos verbos e das coisas

A distinção entre conteúdo e forma proposta por Simmel (1983) é utilizada aqui como ponto de partida para algumas perspectivas. Como conteúdo, o autor coloca os impulsos e motivações diversas que movem os indivíduos, não os considerando como sociais. A forma compõe processos que Simmel denomina de sociação, nos quais os indivíduos cooperam entre si e constroem uma unidade. Entre essas formas de cooperação, encontra-se a sociabilidade. A sociabilidade tem uma característica bastante peculiar para o autor: por ser formal, acaba por distinguir-se e distanciar-se profundamente dos fatores de sociação, como os desejos, ímpetos etc. Essas sociabilidades serão apreendidas a seguir a partir de três perspectivas: do espaço, do verbo e das coisas. Entretanto, vale destacar no momento sobre o “cárcere e a vida do espírito”. Georg Simmel (2005:582) escreveu sobre o que ele denominava como atitude blasé:

A essa fonte fisiológica do caráter blasé da cidade grande somam-se as outras, que desaguam na economia monetária. A essência do caráter blasé é o embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos parvos, mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos. Elas aparecem ao blasé em uma tonalidade acinzentada e baça, e não vale a pena preferir umas em relação às outras. Essa disposição anímica é o reflexo subjetivo fiel da economia monetária completamente difusa. Na medida em que o dinheiro compensa de modo igual toda a pluralidade das coisas; exprime todas as distinções qualitativas entre elas mediante distinções do quanto; na medida em que o dinheiro, com sua ausência de cor e indiferença, se alça a denominador comum de todos os valores, ele se torna o mais terrível nivelador, ele corrói irremediavelmente o núcleo das coisas, sua peculiaridade, seu valor específico, sua incomparabilidade. Todas elas nadam, com o mesmo peso específico, na corrente constante e movimentada do dinheiro; todas repousam no mesmo plano e distinguem-se entre si apenas pela grandeza das peças com as quais se deixam cobrir. Em casos singulares, essa coloração, ou melhor, essa descoloração das coisas mediante sua equivalência com o dinheiro pode ser imperceptivelmente pequena; mas na relação do rico com os objetos que podem ser obtidos mediante dinheiro, talvez até mesmo no caráter total que o espírito público compartilha atualmente por toda parte com esses objetos, isso já se acumulou em uma grandeza bem perceptível. Eis porque as cidades grandes, centros da circulação de dinheiro e nas quais a venalidade das coisas se impõe em uma extensão completamente diferente do que nas situações mais restritas, são também os verdadeiros locais do caráter blasé.

Inspirado nisso, assinalo que na vida carcerária os elementos constituintes de um *sujeito-homem* trabalhados anteriormente não são determinantes axiomáticos de uma aceitação. Ter que apresentar ou construir uma *linhagem*, apresentar ou possuir *sistema nervoso* e ter cometido um crime de homem não são o suficiente para se viver tranquilamente. Seu espaço e respeito têm que ser conquistados diariamente. Chegar à cela, tomar banho, comer, dormir e várias outras atividades, na cadeia, pedem o domínio de uma linguagem inteligível pela maioria, uma linguagem ritual do dia-dia, que sai do corpo e para ele retorna, em forma de suplício ou de respeito. É necessário que se compreenda e dialogue com as

propriedades situacionais (Goffman 1963), que também é uma experiência sensível de itinação (Tim Ingold 2012). Apesar de essas duas perspectivas serem contrastantes para os autores, tomarei a liberdade de aproximar aqui a consciência situacional (Goffman 1963), a subjetividade objetiva (Chris Tilley 2014) e a improvisação (Ingold 2012), não em um labor explicativo, mas em um exercício hermenêutico. Requer o exercício de um caráter diferente do blasé, uma outra relação com as coisas está em jogo, uma forma emocional de se relacionar com o mundo oposta ao caráter blasé; o que aqui chamarei de *malandragem*, algo expresso e valorizado constantemente por meus interlocutores.

No que segue, considerarei as formas de sociabilidade em questão a partir de dois enfoques: o jogo do verbo e o jogo das coisas. Essa separação é puramente abstrata para fins especulativos. Não são excludentes entre si, e, por vezes, até ocorrem concomitantemente de forma indissociável. Outro fator imprescindível para o conteúdo do que escrevo é a forma de apropriação dos espaços por parte dos presos, participando assim, os presos, de sua coisificação (Ingold 2012).

Sobre o jogo do verbo, uma breve introdução já foi feita anteriormente, quando tratei a respeito dos testes e dos perigos de alguém se *arrebabar* com esses testes. Outra modalidade desse jogo se encontra presente em processos de *empolgação*. Processo este que é narrado aqui por Diogo:

Então no outro dia teve a liberação do convívio né? Os cara buf! Buf! Liberaram as cela, ai logo veio três parceiro meu das antigas, que era uns caras que me conheciam das antiga, que era os cara que me respeitavam das antiga, bandido mesmo, mal mesmo num sabe? E dois deles pertenciam ao comando, eram da cela do comando de Teresina, então o cara, o cara logo começou a me vangloriar, “esse cara aqui é moleque doido não sei o que e tal” aquela maior vangloriação. Mas é aquele lance, maluco, quando o cara quando tá num lugar daquele ali, e chega um cara elogiando desse jeito ai o cara sabe que alguma coisa ele quer. Já vi muito, tipo favores matar alguém dentro da cadeia, o cara, normalmente o cara que tem uma ficha que é limpa que nem eu, eu sirvo de bucha dentro de uma cadeia daquela pow, se eles matarem alguém no pavilhão, eles vão escolher um cara mais ou menos parecido como eu pra assumir a bronca, então quando os caras chegaram com aquela vangloriação, eu já passado na casca do alho já fiquei meio ligado mas não dei muita ideia não quis saber de fuxico, não quis saber quem morreu, quem mataram, quem não sei o quê, não quis saber.

Pedrão resume a cadeia em duas palavras: troca e disciplina. Inspirado nessa reflexão de Pedrão, aproximo tanto os jogos dos verbos e os jogos das coisas da relação entre o *mana* e o *poutlach*, como proposto no trabalho icônico de Mauss (1974). Contudo, o “jogo das coisas” é somente uma perspectiva “consciente” das coisas envolvidas nesses jogos morais.

Não exclui uma perspectiva invisível de outros tipos de jogos, que regulam a conduta humana, que fogem e se escondem na “visão periférica dos homens”, como colocado por Daniel Miller (2010). Tratando da perspectiva consciente dos jogos das coisas, Diogo, dá uma importante contribuição:

Todo cara que tiver pra morrer na cadeia é o nóia que vai matar. Os cara como sabe como é que eu sou, sabe que eu usava e tal, pra eu não me...pra eu não me colocar no lugar de um cara desses, já falava, “olha eu não to usando faz é tempo”, que é pra ninguém nem mandar pipa de negócio de pedra pra mim, porque se ele mandar uma pipa de pedra e eu fumar a primeira vez, ai pronto, eu fechei, é como se eu tivesse fechado uma aliança com eles de que eu tenho que fazer tudo o que eles querem...entendeu? Eu fico na mão deles por causa disso aí. Aí pow, é por causa desse tipo de coisa aí que eu nem aceito, nem aceitava favor, nem o favor, mas tipo assim... esse negócio de droga eu não aceitava, só quando os cara era muito parceiro mesmo, o cara é muito parceiro mesmo, o cara vê assim que não tinha malícia... ai eu aceitava de boa... mas um cara que eu mal conheço me mandar um presente...

Após esse período entre jogos, o *corró* inaugura a vida carcerária marcada por regras de conduta. As principais dizem respeito à organização dos espaços dentro das celas e a forma de se relacionar tanto com todo o espaço da cela quanto com os espaços ocupados por outros presos ou com seus pertences. A importância dos espaços se dá justamente pela sua relação íntima com o “tempo”, não enquanto marcador cronológico, mas o tempo enquanto fluxo, em um sentido mais próximo de Bruno Latour (1994). Para ele, o tempo se constitui a partir de uma relação de classificação de elementos que garante um estado “temporal” provisório e a imanência do fluxo; uma relação determinada entre o homem, as coisas e outros seres, não podendo haver, nesse sentido, um tempo progressivo e indobrável.

Assim, pode-se dizer que o fluxo do tempo é revivido constantemente na cadeia. A cada reincidência de um preso, o tempo, ou sua “moldura” — a forma como o “tempo passa” —, na cadeia, não possui uma natureza progressiva, instaurada pela dupla constituição da modernidade, mas sim de um tempo fluido, que opera dentro de um “tempo que passa”. No seu íntimo, o tempo é uma consequência da relação entre as coisas, os espaços e as representações.

Existem três estados de tempo na cadeia: o boi, o café e a praia⁴⁰. O primeiro lugar é destinado ao preso que acaba de chegar à uma cela. Trata-se da região próxima do banheiro,

⁴⁰ Há diferenças. Em Brasília, de acordo com Zezim, a *praia* é destinada aos *corrós* enquanto que em Caxias, ela é destinada aos presos mais antigos. Aqui será adotada a hierarquia encontrada em Caxias.

que é também chamado de boi. Os homens desse espaço ficam encarregados pela limpeza constante do banheiro. O segundo lugar, intermediário, destina-se aos presos mais antigos que os primeiros. Compreende o lugar do meio da cela. Os homens desse lugar ficam responsáveis por fazer o café para os outros. O último, a praia, é o lugar de frente da cela, próximo às grades. Nesse espaço, ficam os presos mais antigos, que se ocupam de manter as regras da cela e passá-las para presos incipientes. A violação do espaço do outro — determinado pelo colchão em que este dorme, ou do boi, quando alguém o usa sem pedir licença ou entra nele descalço —; o uso de roupas, sabonetes e demais utensílios sem autorização do dono, o roubo; ou entrar na cela sem pedir licença, compõem todo este quadro, o que se chama de *grave*: o conjunto de infrações imperdoáveis cometidas em situação de privação de liberdade que podem levar à morte.

Em suma, *sujeito-homem* e *comédia* produzem espaços determinados para tipos de homem por eles representados, chamados, respectivamente, de convívio e *seguro*. A relação mantida entre os *cadeeiros* e esses espaços, principalmente os *cadeeiros* do convívio, constituem relações de sentimento e identidade, o que é demonstrado pelo fato de não ser aceita qualquer tipo de permuta, ou que um *sujeito-homem* vá dividir espaço com os *comédias* no *seguro*, ou que algum *comédia* vá para o meio dos *sujeitos-homem*. No primeiro caso, as retaliações são por parte dos *sujeitos-homem*. Eles chegam a realizar rebeliões para que um igual não seja mantido no *seguro*, uma vez que configura-se inaceitável que “um deles” divida o mesmo espaço com um *comédia*. No segundo caso, as possibilidades de um assassinato são muito grandes, como pôde ser visto durante a rebelião na cidade de Pinheiro, no Maranhão, em 2013.

Tendo em vista o conteúdo das discussões seguintes, faz-se necessário apresentar o modo a partir do qual estou pensando o corpo nessa circunstância, sobretudo quando utilizei de uma perspectiva de subjetividade objetiva proposta por Tilley (2014) para pensar uma etnografia do espaço-corpo-coisa. Assim, aproximo duas construções teóricas distintas. Na primeira, de cunho foucaultiano, considero o corpo como uma “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto a linguagem o marca e as ideias o dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (Foucault 2013:65) um corpo que transcende à consciência, um corpo histórico-discursivo. Na segunda, de cunho fenomenológico, considero o corpo como uma entidade sensível ligada ao mundo e às coisas por meio de sensações, em uma perspectiva defendida por Tilley (2014), como já foi exposto até aqui.

Os dois níveis de aproximação aqui propostos não estão, no campo da experiência, suficientemente distantes, ou efetivamente isolados. As relações entre corpo, história, representação e percepção são deveras amalgamadas. Contudo, é na micropolítica sensitiva do corpo que se pode descrever o “tempo que passa”, tentando uma aproximação da própria perspectiva do interno. Por que o corpo? Porque ele é o principal recurso de socialização nesse contexto; é sobre ele que decaem os suplícios e é para ele que se fecham as celas.

A consciência das coisas, em seu jogo, é seguida de uma consciência do corpo, porém, nesse intervalo, o corpo não pode ser considerado separado do lugar em questão. Está ligado às coisas que possui, aos seus trechos e fronteiras físicas. Sobre essa ligação, não defendo que os trechos sejam uma extensão do ser do homem, nem que eles sejam dotados de ser, como posto por Latour (1994) de forma exterior, mas sim que são elementos determinantes de todas as interações, tanto quanto os monitores, os policiais e os outros internos; possuem “personalidade”. É possível afirmar, inclusive, que os homens e as coisas conversam diariamente.

Em síntese, posso dizer que as coisas participam dos jogos de poder, enquanto aliadas ou inimigas. Elementos transcendentais como a moral e a política só são possíveis graças a simples recursos materiais, como o *catatau*⁴¹. Se não fosse por ele, a ideia de consenso e os debates para se decidir sobre a realização de uma rebelião, um assassinato ou a mudança de um preso de um lugar jamais seriam possíveis e isso ameaçaria todo o sistema político desenvolvido dentro das cadeias em questão. Por outro lado, o *catatau* só tem utilidade dentro de arranjos arquitetônicos mais simples, possuindo limitação em cadeias de grande porte e está profundamente relacionado com a confecção de quentinhas, pois é desse material que ele é construído⁴². Assim, considerar o *catatau* pelo *catatau* em si, como um objeto e não como coisa, como proposto pela crítica de Ingold (2012), seria o mesmo que pensar a pipa “omitindo o vento”.

Miller (2010) apresenta a materialidade como um recurso epistemológico. Os contextos *sujeito-homem/convívio* e *comédia/seguro* tratam mais de categorias de pensamento do que necessariamente de uma relação espacial pré-discursiva. Porém, o espaço da cadeia é uma experiência sinestésica para qualquer novato e oferece o que Wright (2005) chama de

⁴¹ Sistema desenvolvido por presos de Caxias e Timon para se comunicarem. O mesmo sistema também serve para manter um comércio entre as celas.

⁴² Algumas informações sobre o *catatau* e sua confecção foram substituídas e/ ou alteradas para não comprometer alguns interlocutores.

“deslocamento existencial”. O próprio termo “deslocamento” é uma referência à materialidade da vida e é por esta razão que esse termo traduz o que se pode apreender sobre a vida no cárcere e seu deslocamento inicial digno de qualquer rito de passagem. O processo do *boi*, do *café* e da *praia* nada mais é do que um processo de adequação, não somente da subjetividade, mas do corpo com relação ao espaço e às coisas. Assim, trata-se mais de um processo de deslocamento e de apreensão espacial do que de uma construção irrevogável, fruto de um projeto inicial que visa, sobretudo, atingir a alma, como defende Foucault (2011).

Entretanto, não descarto toda a importância de Foucault para se compreender o fenômeno dos sistemas de encarceramento nesse momento, ainda que meu foco neste trabalho, não seja considerar a vida ordinária no objeto em questão como um epifenômeno.

Ainda que as terminologias “treco” e “coisa” sejam provenientes de raízes teóricas distintas, as apromimo do conceito proposto por Tim Ingold (2012), a respeito de “coisa”, entendendo-a como algo aberto e não meramente separado, distinto ou contrário ao “conteúdo humano” da vida. Apesar de não utilizar sua concepção acerca de “malha” ou me adentrar na sua discussão entre esse conceito e o proposto por Latour (1994) para “rede”, apromimo os dois trabalhos e dedico-me a utilizá-los para pensar as “coisas”. Nesse momento, ainda me posiciono distante de qualquer afirmação acerca de um “ser” intrínseco e inegável a elas (Latour 1994) ou uma peculiaridade vazante das mesmas (Ingold 2012).

No entanto, acredito que a concepção de Ingold (2012) acerca da itinerância, em vez de interação, na sugestão do autor de seguir o fluxo da materialidade, pensando-o assim enquanto improvisação, não desbanca o trabalho de Goffman (2011) acerca das interações cotidianas. Pelo contrário, itinerância, improvisação e interação cotidiana como um exercício etnográfico, obrigam o etnógrafo a pensar todas as formas de vida enquanto explosões frenéticas de vida, fluxo e devires, a partir de uma estética ritual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se no decorrer dessas páginas a ocorrência quase concomitante do gênero e da violência nas práticas discutidas aqui. E, por outro lado, de uma relação estreita entre o trabalho o gênero e a violência, um estreitamento que é materializado na relação entre as primeiras categorias apresentadas nesse texto: *trabalhador* e *vagabundo*. As possibilidades de dor e sofrimento que elas envolvem e toda sua poética de humilhação: os trabalhadores que se sentem humilhados frente aos *vagabundos* e o caráter humilhante que o trabalho traz em si, alimentam as repressões violentas aos *vagabundos*. Ao mesmo tempo que em que essas categorias são produzidas, a violência também o é. Os sujeitos aqui somente são possíveis violentamente.

Esse contexto é importante uma vez que no desenvolvimento desta pesquisa o mundo do trabalho e o mundo da cadeia jamais foram possíveis separadamente. Há uma relação muito forte entre ambos, um antagonismo estruturante de relações diversas. O que, no conjunto, destaco como uma forma nativa de viver a cidadania, mediante a produção de uma exclusão determinada. Observações estas que já foram feitas por teóricos estrangeiros como Michel Foucault (2011) e Louci Waquant (2008) e brasileiros como: Alba Zaluar (1985) e Gabriel Feltran (2008). A morte, que persegue fugazmente a parte excluída, trata-se aqui de uma zona de produção e reprodução de significados, uma forma de se delinear comunidades morais que se encontram suspensas no tempo e no espaço (*trabalhadores*). Portanto, o assassinato e o roubo, enquanto práticas incrimináveis e de forte simbolismo, refletem as possibilidades que os seus respectivos objetos possuem.

O que pode tornar o assassinato um grande discurso sobre algo, é tanto o poder que a morte tem em comunicar, quanto a urgência com que certas relações se esforçam em criar signos. Embora a relação entre assassinato e roubo ainda não esteja tão clara e muito ainda se possa discutir a respeito, a sexualização da violência, referindo-me aqui ao assassinato especificamente, é um fenômeno de grande ocorrência em campo. Expressões como “comer” e “lamber”, utilizadas para se referir a algum ato que vise a dor ou a morte de outrem, trazem um pouco desse fenômeno em si. Porém, é necessário distinguir as várias violências possíveis existentes em campo, relacioná-las e compreendê-las, uma tarefa que deve ser cumprida no tempo que sucede este trabalho. Ainda sobre a sexualização da violência, aponto a narrativa sobre a tortura e a morte dos estupradores na cadeia como um ritual no qual é claramente perceptível esse fenômeno, e ressalvo que nem todas as modalidades de violência assim o são, ou possuem uma origem comum com ela.

É na relação entre o estupro, a cadeia e a vida cotidiana e relações de gênero que todo o ritual descrito como *emasculação simbólica* e o que o sucede são compreendidos; dois momentos que são separados por questões metodológicas mas não são independentes. Esses rituais ocupam uma posição estratégica por reproduzirem as mesmas estruturas envolvidas no crime da vítima, articulando em sua concepção, a existência de uma comunidade moral de homens, na qual se dilui as diferenças antes intransponíveis entre *trabalhadores* e *vagabundos*. O que reitera a importância de se considerar a violência como um local de possibilidades diversas, de construção e de reprodução de formas de vida e de morte específicas. O que se percebe sobre a cadeia neste trabalho, é o espaço que meus interlocutores concebem ao gênero no exercício de qualquer compreensão a respeito dela. Em suma, a cadeia, em toda sua dimensão simbólica, é inconcebível sem as possibilidades que as construções de gênero inauguram, tal como visto na relação entre as categorias nativas: *sujeito-homem* e *comédia*. Sobre essa lógica da divisão espacial e política do espaço da cadeia, outros estudiosos brasileiros do tema também já escreveram a respeito em outros contextos, como o caso de José Ricardo Ramalho (2002), Adalton Marques (2009), Karina Biondi (2009).

Como discorrido em todo o capítulo anterior, a experiência do cárcere envolve também fatores, marcadores e agentes diferentes. O que é apresentado como atitude malandra frente às pessoas e coisas, constituindo-se como uma forma nativa de se compreender as próprias relações. Nesse jogo, redes que se estendem para além dos muros das prisões, pesam no momento em que se empreende firmar uma trajetória positiva dentro da cadeia. Estas redes, por sua vez, têm impacto direto no acesso do *cadeeiro* às coisas necessárias à sua sobrevivência: escova de dentes, cama, dinheiro, balde etc. Não possuir essas coisas, acaba por obrigar alguns presos a trabalhar para outros; relação que revela-se perigosa, uma vez que o preso subordinado pode ser considerado uma *empregada*. O que reproduz uma lógica em que feminilização e subjugação surgem ao mesmo tempo e reelabora o que foi afirmado acima sobre a violenta generificação da cadeia.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque Júnior, D. M. 2003. *Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Editora Catavento.
- Biondi, K. 2009. *Imanência e transcendência no PCC*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Carlos, São Carlos.
- Bourdieu, P. 2002. Senso de Honra, in *Ensaio sobre a África do Norte*. Organizado por Mariza Correia. Campinas IFCH/UNICAMP.
- Bourdieu, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Tradução das partes: "Les trois modes de connaissance" e "Structures, habitus et pratiques". In: -. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Geneve, Lib. Droz, 1972. p. 162-89. Traduzido por Paula Montero.
- Butler, J. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. O corpo educado: pedagogias da sexualidade / Guacira C622 Lopes Louro (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.
- Carvalho, J. J. 1990. O Jogo das Bolinhas: uma simbólica da masculinidade, in *Anuário antropológico* 87. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 191-222.
- Das, Veenas. *Fronteiras, Violência e o Trabalho do Tempo: alguns temas Wittgensteinianos*. 1998.
- Das, Veenas. *Violência e Tradução*. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Publicado originalmente na revista *Anthropological Quarterly*, 75 (1): 105-112, 2002. 2007
- Durkheim, E. & Mauss, M. 2005. Algumas Formas Primitivas de Classificação, in Mauss, M. *Ensaio de Sociologia*. pp. 399-456. São Paulo: Perspectiva.
- Favret-Saada, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, N. 13, 2005 (pg.155-161).
- Feltran, Gabriel Santis. *Trabalhadores e Bandidos: categoria de nomeação, significados políticos*. 2008.
- Fonseca, C. 2004. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Foucault, M. 1993. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). *Revista de Comunicação e linguagem* (19):203-223.

- _____. 2011. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhet. 39.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. 2013. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 27.ed. São Paulo: Graal.
- Fry, P. 1982. *Para Inglês Ver: identidade e cultura na política brasileira*. Rio de Janeiro. ZAH.
- Geertz, C. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gluckman, M. 1987. Análise de uma situação social na Zululândia moderna, in Feldman-Bianco, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas - Métodos*. São Paulo: Global.
- _____. 2011. *Rituais de Rebelião no Sudeste da África*. Brasília: Universidade de Brasília
- Goffman, E. 1963. *Behavior in Public Places*. Notes on the social organization of gatherings. New York: The Free Press.
- _____. 2008a. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC.
- _____. 2008b. *Manicômios, prisões e conventos*. 8.ed. São Paulo: Perspectiva.
- _____, Erving. *Ritual de interação*. Ensaios sobre o comportamento face a face. Vozes: Petrópolis, 2011.
- Grossi, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. In; *Antropologia em Primeira Mão*(2004).
- Hall, S. 2003. 1. Introducción: ¿quién necesita «identidad»? in *Cuestiones de identidad cultural*. Organização de Stuart Hall y Paul du Gay. Buenos Aires: Amorrortu.
- Ingold, T. 2012. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes Antropológicos 18(37):25-44.
- Latour, B. 1994. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Ed. 34.
- MacClintock, A. 2010. Couro imperial: Raça, travestismo e o embate colonial. Tradução de Plínio Dentzien. *Cadernos Pagu* (20):7-85.
- Machado, L. Z. 1998. Matar e morrer no feminino e no masculino. *Série Antropologia* (239).

_____. 2001. Masculinidades e violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. *Série Antropologia* (290).

Marcus, George. *Ethnography in/of the World System*. The emergence of multi-sited ethnography” (1995), en *Annual Review of Anthropology*, núm. 24, pp. 95 - 117. Traducción de Miguel Ángel Aguilar Díaz, Departamento de Sociología, Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa.

Marques, Adalton. Crime, proceder, convívio-seguro. Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. Dissertação de mestrado, USP 2009.

Marques, A. 2010. “Liderança”, “proceder” e “igualdade”: uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital. *Etnográfica* [Online] 14(2). Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/303>>. Acesso em: 17 maio 2013.

Mauss, M. 1974. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, in *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU.

_____. 2003. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”, in *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 367-398.

Miller, D. 2010. *Trecos, Troços e Coisas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Moutinho, L. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes *cadernos pagu* (42), janeiro-junho de 2014:201-248.

Ortner, S. 2007. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência, in *Anais da 25ª. Reunião Brasileira de Antropologia - Conferências e diálogos: saber e práticas antropológicas*, pp. 45-80. Goiânia: Ed. Nova Letra.

Piscitelli, A. 2008. Interseccionalidades, categorias de articulação, e experiência de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura* 11(2):263-274.

RAMALHO, José Ricardo. Mundo do Crime - a ordem pelo avesso. 3. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, v. 1. 254 p., 2002.

Salla, F. 2006. As rebeliões nas prisões: novos significados a partir da experiência brasileira. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 274-307.

Scott, J. W. 1988. *Prefácio a Gender and Politics of History*. Tradução de Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. New York: Columbia University Press.

Seeger, A.; Matta, R. da & Castro, E. B. V. 1979. A construção de pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional* (32):2-19.

Simmel, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito . *Mana* 11 (2): 577-591, 2005.

_____. 1983. Introdução; Problemas metodológicos fundamentais, in *Georg Simmel: Sociologia*. Organização de Evaristo de Moraes Filho, pp. 7-89. São Paulo: Ática.

Tilley, C. 2014. Do corpo ao lugar à paisagem. Uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios* 8(1):21-62.

Turner, Victor. 2005 [1967]. *Florestas de símbolos: aspectos do ritual Ndembu* (Introdução; Cap. I “Os símbolos no ritual Ndembu”; Cap. II. “Simbolismo Ritual, moralidade e estrutura social”; Cap. IV: “Betwixt and between: o período liminar nos ritos de passagem”). Apresentação de Roberto DaMatta Niterói: Editora da UFF.

Waquant, Louic. O lugar da prisão na nova administração da pobreza. *Novos Estudos* 80. Março. 2008

Wagner, R. 2010. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

Wright, P. 2005. Cuerpos y espacios plurales. Sobre la razón espacial de la práctica etnográfica. *Indiana* (22):55-72.

Zaluar, A. 1985. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense.